

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**ANA PAULA DE MELO PELEGRINOTTI**

**"VIVER COM OS OUTROS": ESTUDO SOBRE O USO CONTRACOLONIAL DAS  
TICS POR MIGRANTES HAITIANAS A PARTIR DE CASOS EXEMPLARES**

**Porto Alegre**

**2023**

**ANA PAULA DE MELO PELEGRINOTTI**

**"VIVER COM OS OUTROS": ESTUDO SOBRE O USO CONTRACOLONIAL DAS  
TICS POR MIGRANTES HAITIANAS A PARTIR DE CASOS EXEMPLARES**

Trabalho de Conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Pâmela Marconatto Marques

**Porto Alegre**

**2023**

### CIP - Catalogação na Publicação

Pelegrinotti, Ana Paula de Melo  
"Viver com os outros": Estudo sobre o uso  
contracolonial das TICs por migrantes haitianas a  
partir de casos exemplares / Ana Paula de Melo  
Pelegrinotti. -- 2023.  
89 f.  
Orientadora: Pâmela Marconatto Marques.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Ciências Econômicas, Curso de Relações  
Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Migração. 2. Tecnologia da Informação e  
Comunicação. 3. Pós-colonialismo. 4. Haiti. 5. Brasil.  
I. Marques, Pâmela Marconatto, orient. II. Título.

**ANA PAULA DE MELO PELEGRINOTTI**

**"VIVER COM OS OUTROS": ESTUDO SOBRE O USO CONTRACOLONIAL DAS  
TICS POR MIGRANTES HAITIANAS A PARTIR DE CASOS EXEMPLARES**

Trabalho de Conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre, 29 de março de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Pâmela Marconatto Marques – Orientadora  
UFRGS

---

Prof. Dr. Fabian Scholze Domingues  
UFRGS

---

Me. Márcia Cavalcante  
CIRANDAR

Para aqueles que não aparecem na história universal

## AGRADECIMENTOS

À sociedade brasileira e à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, seus docentes e servidores, pela oportunidade de ensino, pesquisa e extensão de excelente qualidade.

À minha querida orientadora, Prof<sup>a</sup>. Pâmela Marconatto Marques, pelo encorajamento e pelas reflexões provocadas. Seguimos juntas!

Aos projetos de extensão dos quais fui parte durante a graduação, pelas experiências que tanto colaboraram com a profissional e (quem diria!) pesquisadora que me tornei.

À minha mãe, por ser minha maior inspiração, conselheira e incentivadora. Ao meu pai, pelo apoio fornecido mesmo sem entender direito o que eu estudo.

À toda minha família, pelo afeto, sustentação e preces.

À Mariane, pelo carinho, suporte, bondade e gentileza. Se for da tua vontade ter orientandos no futuro, tenho certeza de que eles estarão em ótimas mãos.

À Fernanda, pelas aflições e alegrias compartilhadas em casa, na faculdade, no trabalho e nas estradas. A Era do 401 foi linda e o que há de vir será ainda mais.

À Bruna, por partilhar de surtos e soluções, em especial na reta final da faculdade.

Ao Murilo, pela parceria e por ser o melhor veterano que eu poderia ter tido.

À Daniele, pelo incentivo a ser “Sherlockinha” e pelo lembrete otimista de que o futuro será incrível.

À Prof<sup>a</sup>. Samanta e à École Pot-Pourri, pela paciência, pelos ensinamentos e pelo auxílio com o idioma francês, presente em bibliografias e no resumo deste trabalho.

À Tayssa e ao Gabriel, pela companhia durante o processo de escrita. À Clara, à Gabriella, à Ana Maria e à Mariane, pela amizade.

Quanta honra poder dedicar esses sinceros agradecimentos. Uma página é insuficiente para expressar por completo minha gratidão a todos vocês.

*“Los nadies: los hijos de nadie, los dueños de nada.  
Los nadies: los ningunos, los ninguneados, [...].  
Que no son, aunque sean.  
Que no hablan idiomas, sino dialectos.  
Que no profesan religiones, sino supersticiones.  
Que no hacen arte, sino artesanía.  
Que no practican cultura, sino folklore.  
Que no son seres humanos, sino recursos humanos.  
Que no tienen cara, sino brazos.  
Que no tienen nombre, sino número.  
Que no figuran en la historia universal, sino en la crónica roja de la prensa local.  
Los nadies, que cuestan menos que la bala que los mata.”*

(GALEANO, 1989, p. 52)

## RESUMO

A presente pesquisa busca identificar os principais usos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) por parte de migrantes haitianos através do estudo de dois casos exemplares. Este trabalho é guiado pelo aporte teórico pós-colonial, em especial as Teorias da Subalternidade, que nos aponta uma forma contrahegemônica de reflexão acerca dos processos que envolvem corpos e povos subalternizados. Além de revisão bibliográfica inicial, foi utilizado, como influxo de dados à pesquisa, o método qualitativo com base empírica empregado por meio de entrevistas semi-estruturadas com duas imigrantes haitianas cuja atuação singular faz delas casos exemplares, bons para pensar o problema dessa pesquisa. Partindo do entendimento da migração como um processo complexo, que deve ser observado em sua totalidade, foi feita uma análise sobre o contexto de emigração do Haiti e também sobre o contexto de imigração para o Brasil no início do século XXI. Em seguida, exploramos o papel da tecnologia na sociedade, fazendo uma regressão histórica acerca das Revoluções Industriais, para, assim, compreender com melhor propriedade o caráter contracolonial do seu uso por migrantes atualmente. Com base nisso, ouvimos atentamente as narrativas das interlocutoras selecionadas que compartilharam como a tecnologia faz parte das suas vivências. A partir de suas contribuições, podemos inferir que as TICs possuem papel importante no aprendizado do idioma português e na manutenção de vínculos afetivos com familiares que se encontram no Haiti ou migraram para outros lugares, bem como no estabelecimento de novas relações no Brasil. O aspecto contracolonial de tais usos se dá no estabelecimento de aparições legítimas que confrontam as narrativas coloniais sobre a vivência migratória, além da possibilidade de acionar instrumentos tecnológicos para preservação de afetividades dentro do contexto familiar em diáspora, principalmente de famílias negras que foram historicamente afetadas pelo colonialismo.

**Palavras-chave:** Migração. Tecnologia da Informação e Comunicação. Pós-colonialismo. Haiti. Brasil.



## RÉSUMÉ

Le présent travail vise à identifier les principales utilisations des Technologies de l'Information et de la Communication (TICs) par les migrants haïtiens à travers l'étude de deux cas exemplaires. Cette recherche est orientée par l'apport théorique postcolonial, en particulier les Théories de la Subalternité, qui nous pointe une forme contre-hégémonique de réflexion sur les processus impliquant des corps et des peuples subalternés. En plus d'une relecture initiale de la littérature, la méthode qualitative dans le cadre d'une base empirique a été utilisée comme un afflux de données à la recherche, à travers des entrevues semi-structurées avec deux immigrants haïtiens dont la performance unique en font des cas exemplaires pour réfléchir sur le problème de cette recherche. Partant de la compréhension de la migration comme un processus complexe, qui devrait être observé dans son intégralité, une analyse a été faite sur le contexte de l'émigration d'Haïti et aussi sur le contexte de l'immigration au Brésil au début du XXI siècle. Ensuite, nous explorons le rôle de la technologie dans la société, tout en faisant une régression historique sur les Révolutions Industrielles, afin de mieux comprendre le caractère contre-colonial de son utilisation par les migrants d'aujourd'hui. Sur cette base, nous écoutons attentivement les récits des interlocuteurs sélectionnés qui ont partagé comment la technologie fait partie de leurs expériences. De leurs contributions, nous pouvons inférer que les TICs jouent un rôle important dans l'apprentissage de la langue portugaise et dans l'entretien de liens affectifs avec les membres de la famille qui sont en Haïti ou qui ont migré ailleurs, ainsi que dans la création de nouvelles relations au Brésil. L'aspect contre-colonial de ces utilisations se déroule dans la mise en place d'apparitions légitimes qui confrontent les récits coloniaux sur l'expérience migratoire, en plus de la possibilité d'usage des instruments technologiques pour la préservation des affections dans le contexte familial de la diaspora, en particulier les familles noires qui ont été historiquement touchées par le colonialisme.

**Mots clés:** Migration. Technologies de l'Information et de la Communication. Post-colonialisme. Haïti. Brésil.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Captura de tela do blogfólio “O percurso de uma sanitarista”, seção “Historia”.....	49
Figura 2 — Captura de tela do blogfólio “O percurso de uma sanitarista”, seção “Primeiro Semestre”.....	52
Figura 3 — Captura de tela do blogfólio “O percurso de uma sanitarista”, seção sem título.....	61
Figura 4 — Captura de tela da transmissão “Comissão de Cidadania e Direitos Humanos”, publicada no Youtube pelo canal TV Assembleia Legislativa - RS.....	62

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 — Taxa (%) de crescimento do PIB brasileiro de 2003 a 2010.....	30
---	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Número total de migrantes, por ano de registro, segundo país de nascimento, Brasil, no período 2010-2018.....	33
Tabela 2 — Os Cinco Padrões da Quarta Revolução Industrial.....	40

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
AINTESO	Associação da Integração Social
COVID	<i>Coronavirus Disease</i>
CSVM	Cátedra Sérgio Vieira de Mello
GAIRE	Grupo de Assessoria a Imigrantes e Refugiados
IA	Inteligência Artificial
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MINUSTAH	Missão das Nações para a Estabilização no Haiti
MS Teams	Microsoft Teams
NEPEMIGRA	Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão sobre Migrações
OBMigra	Observatório das Migrações Internacionais
OEA	Organização dos Estados Americanos
OIM	Organização Internacional para as Migrações
ONU	Organização das Nações Unidas
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PC	<i>Personal Computer</i>
PIB	Produto Interno Bruto
PPE	Programa Português para Estrangeiros
SMS	Secretaria Municipal de Saúde
TI	Tecnologia da Informação
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2 FLUXOS DE EMIGRAÇÃO HAITIANA.....</b>	<b>21</b>
<b>3 DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO, COLONIALISMO E SOCIEDADE.....</b>	<b>35</b>
<b>4 A UTILIZAÇÃO DAS TICS POR MIGRANTES SUL-SUL.....</b>	<b>46</b>
4.1 ENTREVISTA COM JENNY YLERAT.....	47
4.2 ENTREVISTA COM REBECCA BERNARD.....	54
4.3 USO DAS TICS POR MIGRANTES E CONTRACOLONIALISMO.....	59
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>67</b>
<b>APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM JENNY YLERAT.....</b>	<b>74</b>
<b>APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM REBECCA BERNARD...80</b>	
<b>ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>88</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surge, antes de mais nada, a partir da observação da realidade brasileira no início do século XXI, especialmente marcada por um aumento nos fluxos migratórios envolvendo o Brasil — seja como espaço de travessia ou destino final. Tal aumento pode ser relacionado, dentre outros fatores, ao fortalecimento da projeção do país no cenário geopolítico internacional e ao seu crescimento econômico, aliado ao contexto de crise financeira e restrição às imigrações nos países do Norte. Durante esse período, os chamados “novos rostos da imigração” marcam presença em solo brasileiro, como os senegaleses, congolezes, bolivianos, venezuelanos e haitianos (BÓGUS; FABIANO, 2015), estes últimos sendo o recorte para a presente pesquisa.

A escolha por tratar especificamente de migrantes haitianos no Brasil é feita a partir de motivos numéricos e históricos. Eles constituem uma parcela importante dos números de registros de imigrantes no período de 2010 a 2018, ficando apenas atrás de bolivianos em dígitos totais (CAVALCANTI; OLIVEIRA; MACEDO, 2020), de maneira que entender suas experiências enquanto imigrantes negros no Brasil é debruçar-se sobre parte significativa do cenário migratório do país. Além disso, Brasil e Haiti compartilham importantes características históricas, como o fato de serem dois países latinoamericanos majoritariamente negros que foram colonizados pelo Norte através de um modelo marcadamente escravocata, o que gerou e gera consequências ainda hoje nas suas respectivas organizações sociais, políticas, econômicas e culturais de ambos os territórios. Soma-se a esse contexto o recente entrelaçamento entre Brasil e Haiti através da intensa atuação e liderança brasileira na Missão das Nações para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH), o que aproximou ainda mais o imaginário dos dois países e colaborou com a vinda de muitos haitianos para o Brasil (BRAGA; FERREIRA, 2019).

O aumento no fluxo de haitianos para o Brasil ocorre em um período histórico também marcado pela difusão das Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs), o que tende a trazer novas nuances para a trajetória do migrante. No decorrer deste trabalho, as TICs serão entendidas como um conceito mais amplo de Tecnologia da Informação (TI), já que se voltam especialmente para tecnologias que

viabilizam a informação através das telecomunicações. O guarda-chuva das TICs inclui *softwares*, *hardwares*, internet, redes sem fio, computadores, celulares, redes sociais, ferramentas de mídia e todas as demais aplicações que permitem que usuário tenha acesso, armazene, gerencie e transmita informações em um formato digitalizado (RATHEESWARI, 2018). Especialmente após a Revolução Digital, ocorrida ainda na segunda metade do século XX e que deu início à chamada Sociedade da Informação, tais tecnologias passaram a ter maior penetrabilidade e influência nas mais diversas áreas da sociedade, além de estarem cada vez mais presentes nas atividades cotidianas dos usuários (CASTELLS, 2000; SILVA, 2020). Logo, surgiu o interesse em entender qual o papel das TICs dentro do contexto migratório, seus usos e limitações.

Os estudos sobre migração se inserem no campo de estudo das Relações Internacionais com o propósito de elaborar análises mais interdisciplinares sobre o tema. Dada as multifacetadas do processo migratório, estudá-lo apenas através da lente econômica ou geopolítica, por exemplo, seria deixar de analisar uma gama de variáveis que fazem desse um tema tão complexo. Cabe ressaltar que pesquisar migração nas Relações Internacionais testa os limites das teorias tradicionais do campo, já que esse tema faz refletir sobre conceitos como Estado, soberania, fronteira e cidadania, além de trazer para debate uma lógica própria que envolve também sua dimensão humana e subjetiva, o que dificulta um rico entendimento do fenômeno migratório se nos restringirmos às lentes do Realismo e Liberalismo, por exemplo (GIDON, 2017).

Por isso, neste trabalho vamos dialogar com as teorias do chamado Terceiro Grande Debate, que trazem para o campo os “novos temas” das Relações Internacionais, como direitos humanos, feminismo, meio ambiente e a própria migração, dentre outros. Em especial, nos guiaremos pelo aporte teórico pós-colonial e as chamadas Teorias da Subalternidade. Os estudos da subalternidade emergem ainda na segunda metade do século XX na Índia, instituindo uma nova possibilidade de reflexão acerca dos povos colonizados — que até então ainda eram reconhecidos unicamente através das lentes do colonizador (FIGUEIREDO, 2010). Com essa lente teórica conseguiremos analisar com maior propriedade como os migrantes se utilizam das TICs no seu processo de integração à sociedade que os acolhe, atentando-nos para como esse uso influencia sua autonomia e bem-estar.



O aporte teórico pós-colonial também nos indica a importância de assegurar espaço e legitimidade para grupos subalternizados por processos históricos marcados pelo colonialismo e racismo. Assim, neste trabalho buscamos trazer vozes tradicionalmente silenciadas, proporcionando à criação de conhecimento uma contribuição intelectual diferenciada, construída através da vivência (ESPINOZA, 2020; KOBAYASHI, 1994; SPIVAK, 1998).

Além das justificativas acima, que explicam a importância de colaborar com a criação de conhecimento sobre as temáticas levantadas dentro do campo das Relações Internacionais através de uma perspectiva pós-colonial, vale citar dois pontos que ensejam minha motivação pessoal em unir os temas de migração e tecnologia. O primeiro deles é que sou nascida e fui criada no município de Canguçu, região sul do estado do Rio Grande do Sul, e na adolescência me mudei para Pelotas, também na região sul do estado, buscando por melhores oportunidades de ensino. Em 2018 eu me mudei novamente, dessa vez para Porto Alegre, capital do estado, dado meu ingresso no curso de Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Essas mudanças territoriais me enquadram no conceito de migrante interno, mais especificamente no movimento de migração intra-estadual, que retrata as características das relações entre os grandes aglomerados urbanos e as pequenas cidades de interior dos estados (CUNHA, 2005). Muito por conta disso, os estudos sobre migração me foram benquistos durante minha trajetória acadêmica e finalmente pude me dedicar a eles no meu projeto de conclusão de curso.<sup>1</sup> O segundo ponto é a experiência que tive enquanto participante de projetos de extensão universitária durante a pandemia de Coronavírus 19 (COVID-19) e o papel ocupado pela tecnologia em um momento de isolamento social. Em 2020, fiz parte da coordenação do projeto UFRGSMUN Back in School e, em 2021, integrei o Secretariado do X UFRGSMUNDI, dois projetos de extensão do curso de Relações Internacionais da UFRGS que são voltados para a democratização do ensino das Relações Internacionais dentre estudantes de ensino médio. Até então, ambos os projetos conheciam apenas suas versões presenciais. Durante dois anos, uma constante preocupação que tivemos foi sobre como tornar os projetos acessíveis ao maior número de pessoas em um

---

<sup>1</sup> Aqui não busco, de maneira alguma, traçar um paralelo entre minha experiência e a vivência de migrantes haitianos no Brasil. Obviamente são contextos, motivações, condições e oportunidades muito diferentes e que não devem ser comparados.

modelo remoto, dado que acesso a atividades online está diretamente relacionado com a disponibilidade de meios para fazê-lo, como computador e internet, por exemplo. Desde então, a inclusão digital de populações marginalizadas tem sido um tópico de atenção e colaborou com meu interesse em dedicar esse trabalho ao estudo do uso das TICs por migrantes haitianos.

Com base no exposto, o presente trabalho foi estruturado a partir da seguinte pergunta de pesquisa: como migrantes haitianos que vivem em Porto Alegre ou região metropolitana utilizam as TICs no seu cotidiano?

A hipótese a ser testada entende que as TICs possuem um papel mais notório durante o aprendizado do idioma e na busca por informações sobre o acesso a serviços que fazem parte do cotidiano do migrante, auxiliando-os nas suas tarefas diárias. O principal objetivo da pesquisa foi, precisamente, identificar os principais usos das ferramentas tecnológicas por parte dos migrantes dentro do seu contexto de integração e acolhimento em Porto Alegre e região através do estudo de casos exemplares. Dentre os objetivos secundários encontram-se alcançar um melhor entendimento sobre o processo de migração haitiana, incluindo o movimento de emigração; realizar uma investigação sobre o desenvolvimento tecnológico até o estágio da Sociedade da Informação; e assegurar a escuta atenta de narrativas historicamente marginalizadas.

Para tanto, além da revisão sistemática de literatura, faremos uso da análise de narrativas únicas, alcançadas através da realização de entrevistas semi-estruturadas com duas interlocutoras imigrantes haitianas, que concordaram com a divulgação de seus nomes civis: Jenny Ylerat e Rebecca Bernard. Jenny Ylerat é estudante de Saúde Coletiva pela UFRGS, engajada em atividades de assistência a migrantes e possui um blogfólio no qual compartilha suas experiências enquanto imigrante, mulher, negra e estudante. Já Rebecca Bernard é mestre em Sociologia pela UFRGS, reconhecida liderança comunitária, também atuante em ações de apoio a migrantes dentro e fora da Universidade e utiliza muito das TICs nas suas atividades de ensino da língua portuguesa aos seus conterrâneos. A partir das entrevistas realizadas, a ideia é que se pudesse identificar quais são as áreas nas quais o uso da tecnologia é mais presente, especialmente através dos exemplos e experiências vivenciadas pelas próprias interlocutoras. As entrevistas foram, ainda, complementadas pela análise documental realizada no blogfólio “O Percurso de uma

Sanitarista”, de autoria de Jenny Ylerat, uma das nossas interlocutoras. Tomamos, portanto, o acervo deste blog como documento e objeto de análise.

A escolha do método de pesquisa qualitativo com base empírica através de entrevistas semi-estruturadas permitiu um enfoque na interação com as entrevistadas, criando um espaço de maior autonomia e liberdade para as interlocutoras e visando entender o que é importante de ser discutido a partir daquilo que foi colocado por elas em nossa interação. O intuito de optar por entrevistas em profundidade, com um interlocutor por vez, nos permite aprofundar-nos em narrativas únicas. Não é nosso intuito, portanto, traçar um perfil por amostragem (BAUER; GASKELL, 2002). Buscamos compreender as singularidades das histórias compartilhadas por Jenny e Rebecca através de uma escuta atenta.

As entrevistas buscaram tratar sobre o uso das TICs em cinco cenários, sejam eles a aprendizagem da língua portuguesa, acesso a trabalho, acesso a serviços, acesso à documentação e estabelecimento e/ou manutenção de relações interpessoais e vínculos afetivos. A opção por trazer os quatro primeiros tópicos baseou-se no fato de que as dificuldades com o idioma e empecilhos no acesso a trabalho, serviços e documentação eram as principais adversidades enfrentadas pela população migrante no Brasil de acordo com um levantamento realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2015 (IPEA, 2015), de maneira que consideramos válido analisar a forma como as TICs poderiam atuar nesse sentido. Já a escolha por incluir na conversa uma seção sobre o uso da tecnologia para a criação ou preservação de laços afetivos parte do entendimento de que a migração é um processo complexo, que envolve questões de subjetividade e saúde mental que podem ser influenciadas pelo sentimento de isolamento e não-pertencimento. Nesse sentido, Abdelmalek Sayad (1998, 2016) propõe o estudo da migração através de olhar mais atento sobre “ausência dupla”, na qual o migrante é, ao mesmo tempo, emigrante do país de origem e imigrante no país que o acolhe. Assim, não atentar-se para a faceta da emigração e da ausência, sofrimento e saudade que ela causa alinha-se com uma visão etnocêntrica de produção do conhecimento, na qual o migrante só é notado quando interage com o país de acolhida (SAYAD, 1998). Assim, um estudo mais completo sobre o processo migratório deve levar em consideração o sujeito que migra como um todo, incluindo também seus vínculos afetivos e como ele faz para criá-los e mantê-los.

Ambas as entrevistas ocorreram de maneira remota atendendo aos pedidos das próprias entrevistadas, que informaram que seria melhor uma reunião online. A conversa com a Jenny ocorreu através do Microsoft Teams (MS Teams), enquanto o encontro com a Rebecca foi via Zoom. A transcrição de cada uma das entrevistas está disponível integralmente na seção de Apêndice deste trabalho e recomendamos fortemente a leitura para um entendimento mais amplo das contribuições feitas durante as falas. Já na seção de Anexo foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizado no processo de realização das entrevistas, o qual foi enviado previamente à entrevista por e-mail para as duas interlocutoras. O aceite ao Termo ocorreu de forma oral antes do início da reunião, após a leitura conjunta do documento e elucidação das dúvidas. Ainda neste momento prévio ao começo das conversas foi indicada a possibilidade de manter a identidade das entrevistadas em anonimato, opção que não foi requisitada por nenhuma das duas, estando ambas de acordo com a utilização de seus nomes.

Este trabalho conta, portanto, com mais três capítulos para além da presente introdução. No capítulo seguinte abordaremos a temática da migração que entrelaça Haiti e Brasil, atentando às consequências do processo colonial e demais fatores históricos e conjunturais que incentivaram o lado emigratório desse movimento. Já no capítulo subsequente, focaremos nossa análise para o desenvolvimento de novas tecnologias e o conceito de inclusão digital, fazendo uma revisão histórica das Revoluções Tecnológicas e sua relação com a acumulação de capital decorrente do colonialismo, de maneira a compreender por qual motivo a utilização das TICs por migrantes haitianos possui um caráter contracolonial. No último capítulo introduziremos os achados das entrevistas realizadas com Jenny e Rebecca, buscando associar suas contribuições empíricas com o campo de conhecimento teórico já consolidado. Por fim, as considerações finais estarão voltadas para um apanhado dos principais elementos deste trabalho, bem como para as novas linhas de pesquisa e possibilidades de aprofundamento que surgem a partir dele.

## 2 FLUXOS DE EMIGRAÇÃO HAITIANA

A presente seção busca apresentar uma análise histórica acerca do processo emigratório haitiano, suas motivações e destinos, a fim de compreender em que cenário se estabelece o fluxo migratório Sul-Sul do final da primeira década do século XXI, do qual faz parte a dinâmica de deslocamento tramando Haiti e Brasil. Tendo como base as discussões levantadas ao longo desta primeira parte, no próximo capítulo nos dedicaremos ao entendimento de como as TICs fazem parte do cotidiano social atualmente e como são utilizadas pelos imigrantes no processo de acolhida.

De início, cabe a ressalva de que há diferentes tipos de processos migratórios. Tais movimentos podem ocorrer dentro ou fora das fronteiras nacionais, podem ser temporários ou duradouros no longo-prazo, e podem também ser voluntários ou forçados. Em termos de migração internacional, os motivos são vastos: conflitos bélicos no local de origem, perseguição dos mais variados tipos, condições climáticas adversas, desastres ambientais, busca por melhores cenários econômicos, dentre diversas outras motivações que levam um sujeito ou um grupo a deixar o seu país de origem e buscar estabelecimento em um outro território. Podemos entender, portanto, que tamanha complexidade de fatores exige um olhar atento às multifacetadas da migração (CÂMARA; CHUEIRI, 2011; LÜTHI, 2018).

Nesse sentido, os escritos de Abdelmalek Sayad embasam muito do raciocínio apresentado na presente seção. Sayad nasceu em 1933 na parte rural da região da Cabília (hoje Argélia), foi um intelectual bastante comprometido com a luta pela libertação do domínio colonial e durante sua vida adulta também se viu na posição subalternizada de imigrante argelino na França. De tal maneira, seus esforços para compreender o processo de migração através de uma abordagem mais completa e complexa, no limite, também foram esforços para conhecer a si mesmo, visto que apesar de perfeitamente integrado no território francês (tendo como referência sua trajetória acadêmica de prestígio), o autor ainda se encontrava perfeitamente inassimilável na sociedade dos seus antigos colonizadores (BOURDIEU, 2016).

Segundo Sayad (1998, 2016), o processo migratório possui como característica o estabelecimento de uma “ausência dupla”, ou seja, a imigração é um processo político, o qual só é possível conhecer propriamente a partir da compreensão sobre a dinâmica de emigração, suas motivações e consequências, sendo o emigrante e o imigrante duas faces indissociáveis da mesma moeda. Fazer esse exercício de pesquisa é também posicionar-se em oposição a uma visão etnocêntrica de formulação do conhecimento que percebe o imigrante apenas no momento da sua chegada na sociedade receptora:

De fato, o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território; o imigrante “nasce” nesse dia para a sociedade que assim o designa. Dessa forma, ela se arvora o direito de desconhecer tudo o que antecede esse momento e esse nascimento. Esta é outra versão do etnocentrismo: só se conhece o que se tem interesse em conhecer, entende-se apenas o que se precisa entender, a necessidade cria o conhecimento; só se tem interesse intelectual por um objeto social com a condição de que encontre interesses de outra espécie (SAYAD, 1998, p. 16).

Assim, a imigração deve ser entendida como um “fato social total” e sua análise deve levar em consideração que “falar da imigração é falar da sociedade como um todo” (SAYAD, 1998, p. 16). Apesar de ser um fenômeno caracterizado em um primeiro momento como o deslocamento humano em espaço físico, é importante ter em mente que a imigração é constituída também por profundas questões econômicas, políticas, culturais, sociais e até mesmo cognitivas, de maneira que fazer o uso de recursos multidisciplinares durante a análise é indispensável. Para tanto, é preciso estar atento para as intersecções entre as diversas ciências, desde história e geografia até linguística e psicologia, para citar apenas algumas das diversas áreas de estudo que colaboram com um entendimento mais holístico dos processos migratórios (SAYAD, 1998).

Tendo isso em conta, não buscaremos realizar uma análise unilateral, focada exclusivamente nas consequências da migração na sociedade receptora. Se o fizéssemos, estaríamos em alguma medida ignorando que os imigrantes também são emigrantes e, dessa maneira, mesmo que inconscientemente reforçaríamos o etnocentrismo ainda tão presente no campo de estudos sobre migração (BOURDIEU, 1998). Ao pensarmos mais adiante neste capítulo sobre as motivações da migração haitiana recente para o Brasil e as particularidades desse movimento Sul-Sul, por escolha nos distanciamos daqueles que colocam o imigrante como um

problema social a ser superado pelas sociedades receptoras e que fazem de determinados fluxos migratórios uma crise a ser controlada.

Outra contribuição incontornável de Sayad está relacionada justamente com o entendimento acerca da relação entre colonialismo, capitalismo e processos migratórios modernos, da qual depreendemos que não é possível refletir sobre a história — e, em especial, a história do Ocidente — sem levar em consideração o domínio colonial sistemático e as profundas consequências da colonização intensa não apenas de territórios e suas riquezas, mas também de pessoas por inteiro, em corpo e alma. Nesse sentido, a exploração colonial leva à desestruturação da organização social nativa de maneira tão profunda que cerceia as possibilidades de desenvolvimento autônomo, fazendo com que a migração apareça como uma alternativa para o subdesenvolvimento engendrado pelo colonialismo (SAYAD, 1998, 2016). Nesse contexto, as marcas e consequências desse processo permanecem, ainda que o colonialismo formal tenha sido superado:

*O sistema colonial sobrevive à medida que as contradições que deixa para trás não são efetivamente ultrapassadas, o que supõe que elas devam ser apreendidas e enfrentadas enquanto tais. Ora, a lógica da descolonização (negação que transporta consigo a marca daquilo que nega) leva a pequena-burguesia de burocratas a negar magicamente, como fantasmas envergonhados do colonialismo defunto, as contradições do real, mais do que a esforçar-se para ultrapassá-las graças a uma ação orientada por um conhecimento apropriado do real (BOURDIEU; SAYAD, 2006, p. 54, destaque do autor).*

Dessa forma, dedicamos agora um espaço em nossa análise para a história do Haiti<sup>2</sup> a fim de melhor compreender a emigração haitiana e sua imigração para o Brasil, bem como o processo de integração social dela decorrente. Durante mais de 800 anos, o território situado no Caribe que hoje corresponde ao Haiti era inicialmente denominado como *Ayti* (que pode ser entendido como “região de montanhas”) pelos seus habitantes taínos, que somavam ao redor de 3,7 milhões de indígenas até a chegada de Cristóvão Colombo ainda no final do século XV, o que resultaria no genocídio taino e posterior exploração dos sobreviventes como força de trabalho, em especial para o cultivo da terra. Já no início do século XVI chegaram os

---

<sup>2</sup> Por uma questão de recorte de pesquisa, cabe ressaltar que não se pretende neste momento realizar uma investigação minuciosa de cada período histórico haitiano, e sim fornecer uma visão geral e introdutória de alguns fatos que permitem melhor compreender o Haiti contemporâneo e os seus fluxos de emigração. A história do Haiti é extensa, complexa e rica, e recomendamos fortemente a leitura das referências citadas para mais conhecimento.

primeiros africanos escravizados na já renomeada pelos espanhóis Ilha de Hispaniola (MARQUES, 2017).

O século XVII, por sua vez, foi marcado pelo aumento da presença de potências como a Inglaterra, França e Holanda em território americano. Para o Haiti, isso se traduz na chegada dos franceses, levando à consolidação do sistema de *plantation*<sup>3</sup> e por consequência a intensificação do uso da mão de obra escrava para a produção de produtos bem-quistos pelo mercado europeu. Dessa maneira, a sociedade haitiana da época não era simplesmente uma sociedade que contava com escravizados em sua composição — mais que isso, era uma sociedade escravocata: toda a estrutura política, econômica, social e cultural da colônia se baseava na escravidão. Tamanha era a desumanização imposta aos escravizados que os colonos ignoravam suas capacidades de comunicação, coordenação e especialmente mobilização, fazendo com que fosse impensável — do ponto de vista do colonizador — acontecer uma insurreição negra expressiva no Haiti. No entanto, isso é justamente o que acontece em 1791 e resulta na abolição da escravidão em 1793 e na libertação geral em 1794, seguida pela luta pela conquista do aparato estatal nos anos de 1797 e 1798 e, finalmente, a proclamação de independência do Haiti em 1804 (TROUILLOT, 1995).

Dessa forma, o Haiti se apresenta como primeiro Estado independente na América Latina e Caribe, sendo sua independência fruto revolucionário da luta de negros escravizados (na sua grande maioria), o que serve como exemplo para movimentos abolicionistas no continente. Ao mesmo tempo, essa condição coloca o país em uma situação de isolamento tanto com relação aos vizinhos que ainda tinham o colonialismo como realidade, como também com relação aos Estados Unidos que — apesar de compartilharem com o Haiti o fato de serem Estados independentes na América — temiam os movimentos de libertação dos escravizados ensejados pela revolução no Caribe. Acrescenta-se aqui também a penosa contrapartida financeira exigida pela França para o reconhecimento da tanto da independência do Haiti, quanto da condição dele como um Estado moderno, fato que também fomentaram a crise sociopolítica e instabilidade econômica ocorridas a partir desse momento (TROUILLOT, 1995).

---

<sup>3</sup> Sistema produtivo caracterizado pela exploração de latifúndios através da monocultura, cujos produtos eram destinados ao mercado exterior.



Os embargos econômicos sofridos pelo Haiti no momento pós-independência são dotados de forte valor simbólico: serviram para informar às demais nações caribenhas que rupturas com lógica colonial eram inadmissíveis, especialmente aquelas levadas a cabo por negros escravizados. Além disso, tais retaliações internacionais também são tidas como fator determinante para as características da posterior inserção internacional do país na economia industrial:

A França impôs um bloqueio econômico ao Haiti depois que sua população escrava se emancipou; um bloqueio que só levantou dez anos depois, quando os líderes do primeiro Estado negro independente concordaram em pagar aos seus anteriores patrões coloniais e escravistas 150 milhões de franco-ouro em compensação; uma soma avaliada atualmente em quase 22 bilhões de dólares. Uma vez saldada a dívida pela 'independência', ferindo de morte a sua economia e determinando assim a sua integração à economia mundial como um provedor marginal e periférico de recursos e mão-de-obra barata ao centro [...] (JUBILEU BRASIL, 2007, p. 35).

Os fluxos migratórios oriundos do Haiti independente remontam já ao século XIX e dizem respeito principalmente ao deslocamento de trabalhadores haitianos em direção à República Dominicana para trabalho na indústria açucareira, na época em expansão devido ao vínculo dominicano com os Estados Unidos. Posteriormente, essa movimentação de migrantes haitianos também se voltou para Cuba, ainda em função do trabalho na produção de açúcar. Esse momento histórico se caracteriza no Haiti como um período de transição entre o colonialismo francês e o imperialismo, a nova fase de acumulação capitalista marcada internacionalmente por uma expansão do mercado financeiro e bancário. Nesse período, o Haiti foi levado a associar a sua economia a credores e emprestadores externos com o intuito de pagar à França a "Dívida da Independência", até que esse saldo foi comprado pelo banco estadunidense Export-Import Bank, de maneira que a partir de então o Haiti tivesse uma dívida com os Estados Unidos. Com essa nova dinâmica, aprofunda-se o caráter de dependência do país, em especial com relação ao capital industrial dos Estados Unidos (JUBILEU BRASIL, 2007). Assim, os embargos e o endividamento do país somam-se às demais heranças do período colonial, tais como o legado escravocrata e a dificuldade de estabelecimento de uma classe política dirigente legítima e voltada para o desenvolvimento autônomo do país, tendo como resultado um cenário de instabilidade e pobreza que ajuda a explicar os posteriores fluxos de emigração do Haiti (BAPTISTE; VIEIRA, 2016).

Já o século XX foi marcado por um aumento da influência dos Estados Unidos no continente americano através de políticas fundamentadas nas justificativas ideológicas de cooperação continental, boa vizinhança e outras. Tais políticas eram veiculadas por meio de organizações internacionais, como a Organização dos Estados Americanos (OEA), por exemplo, e respaldadas por tratados e documentos para a cooperação. Além disso, outra marca desse período histórico é a ocupação militar de ilhas no Caribe pelos Estados Unidos dentro da lógica do “*Big Stick*”, fazendo com que tanto o Haiti como outros territórios da região fossem invadidos nesse período. No caso haitiano, a ocupação ocorreu de 1915 a 1934 e significou — além da intensificação do poderio econômico dos Estados Unidos no território — mais uma vez uma alteração das estruturas sociais do país e um acirramento e das tensões raciais e culturais, esta última catalisada pela repressão de manifestações culturais como o vodu (GRONDIN, 1985).

Do estabelecimento dessa dinâmica formou-se a base para expressivo fluxo de saída de haitianos em direção à América do Norte principalmente a partir da década de 1970 — embora esses fluxos já sejam observados desde o início do século XX —, consolidando um processo de migração Sul-Norte. Nesse período, as consequências advindas dos embargos econômicos estabelecidos e das invasões estrangeiras combinadas com um dos períodos mais intensos da ditadura Doc<sup>4</sup> influenciaram esse movimento emigratório para a região norte da América, com maior incidência nos Estados Unidos. Tal jornada costumava ocorrer de maneira bastante precária, através de embarcações frágeis que muitas vezes não logravam chegar ao destino almejado (COTINGUIBA, 2014).

No processo de saída do seu país de origem, os migrantes levam consigo todas as estruturas mentais que definem sua forma de pensar, viver e sentir, e demais particularidades que os caracterizam de maneira objetiva e subjetiva, ou seja, seu idioma, suas histórias, cultura, tradições, práticas religiosas, dentre outras especificidades (SAYAD, 2016). Além disso, inevitavelmente os migrantes também levam seus corpos — no caso dos haitianos, corpos negros na sua maioria. Isso significa que ao chegar nos Estados Unidos (ou até mesmo antes, através de conhecimento adquirido por meio de informações na mídia ou fontes pessoais), os

---

<sup>4</sup> Diz respeito ao período histórico entre 1959 e 1986, no qual o Haiti foi governado por Jean-Claude Duvalier (Papa Doc) e François Duvalier (Baby Doc), respectivamente pai e filho, sob um regime político ditatorial (COTINGUIBA, 2014).

haitianos rapidamente compreendem que ser negro naquele país significa estar alocado em uma posição social inferior independentemente da sua subjetividade individual, justamente por serem entendidos como de afro-americanos (SCHILLER; FOURON, 1999).

Levando em consideração o exposto, podemos compreender que a subalternização imposta aos imigrantes haitianos nos Estados Unidos (mas não somente lá) é uma intersecção de distintos fatores de influência tanto conjuntural, como também estrutural e histórica. Dessa forma, aqui retomamos a premissa de Sayad de que é necessário entender a imigração como um “fato social total”, levando em consideração sua diacronia, mas também o funcionamento das estruturas sociais presentes (SAYAD, 1998).

Esses fluxos migratórios desde o Haiti em direção aos Estados Unidos tiveram, no entanto, uma diminuição desde os atentados de 11 de setembro de 2001 devido às restrições à migração geradas a partir deles, e passaram por uma certa redefinição de destino com a crise do capital de 2008, que afetou inicialmente os países do Norte, levando a diversos efeitos sociais, políticos e econômicos em várias regiões do globo (MAGALHÃES, 2013). Tal crise ocorre em um cenário de intensificação das interações transnacionais a nível econômico, social, cultural e político, entendida aqui como o processo de globalização, que por si só tende a aumentar a disparidade no cenário internacional em decorrência da desigual distribuição dos custos e oportunidades entre os países centrais, semiperiféricos e periféricos (SANTOS, 2002).

Para o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2002), a globalização está distante de ser monolítica e linear, sendo na verdade um fenômeno multifacetado, complexo, e que se apresenta de distintas maneiras e intensidades ao redor do globo. Apesar de ancorada pelo desenvolvimento das TICs, que acelerou a forma como processos econômicos, políticos e sociais ocorrem e se difundem pelo mundo, a globalização não deve ser entendida essencialmente como um resultado natural dele. Para além desse fator, a globalização também é resultado de escolhas políticas guiadas por interesses hegemônicos, principalmente no que diz respeito à difusão do neoliberalismo e do sistema financeiro em escala global. De acordo com o autor, essas condições traduzem a globalização tida como hegemônica em um processo de aumento considerável das desigualdades a nível

internacional, o que por sua vez influencia também os processos migratórios (SANTOS, 2002).

Dentre os efeitos da crise do capital de 2008, um dos mais relevantes para nossa análise é o aumento da taxa de desemprego nos países do Norte (BORBELY, 2009), e conseqüentemente a deterioração das condições sociais em tais territórios, em especial para comunidades historicamente marginalizadas. Em momentos de crise econômica que possui efeito sob a empregabilidade costuma-se perceber um aumento de ações em rechaço aos imigrantes. Isso baseia-se na ideia de que existe uma relação de causa e efeito entre imigração e desemprego dos nacionais, na qual os imigrantes iriam até as sociedades receptoras para “roubar” o emprego dos trabalhadores nascidos naquele país. Dentro dessa lógica, uma solução rápida para o desemprego nacional seria a diminuição do número de imigrantes através do retorno deles aos seus países de origem, suscitando atitudes de ódio em direção ao citado grupo (SAYAD, 1998).

Tais práticas xenofóbicas têm relação com a difusa ideia utilitarista de que os imigrantes são definidos unicamente a partir daquilo que podem somar economicamente à sociedade receptora, ou seja, entendidos apenas como mão de obra — a depender do imigrante, mão de obra barata. Esse entendimento ignora todas as demais multifacetadas políticas e subjetivas da imigração e ao mesmo tempo limitando os imigrantes a direitos parciais de trabalhadores migrantes, em uma visão também etnocêntrica (SAYAD, 1998).

É neste cenário de decadência das condições de vida e trabalho inicialmente nos países do Norte em decorrência da crise econômica de 2008 que há um redirecionamento do fluxo migratório haitiano, que no citado momento histórico seguia na sua maioria um sentido Sul-Norte, ou seja, desde o Haiti em direção a países como Estados Unidos, Canadá, França, dentre outros (MAGALHÃES, 2018). Soma-se a isso a fragilização dos direitos fundamentais de migrantes na República Dominicana, país que recebeu um grande fluxo de migrantes haitianos no decorrer da história, muito por conta da sua proximidade territorial com o Haiti. Nesse sentido, vale ressaltar a decisão 168-13 do Tribunal Constitucional dominicano, que reorganizou as diretrizes constitucionais com relação ao direito à nacionalidade e, na prática, cassou a nacionalidade de milhares de filhos de imigrantes (majoritariamente haitianos) que haviam imigrado para o país a partir de 1929 e que não pudessem evidenciar seu estado de imigrantes regulares no país. Isso

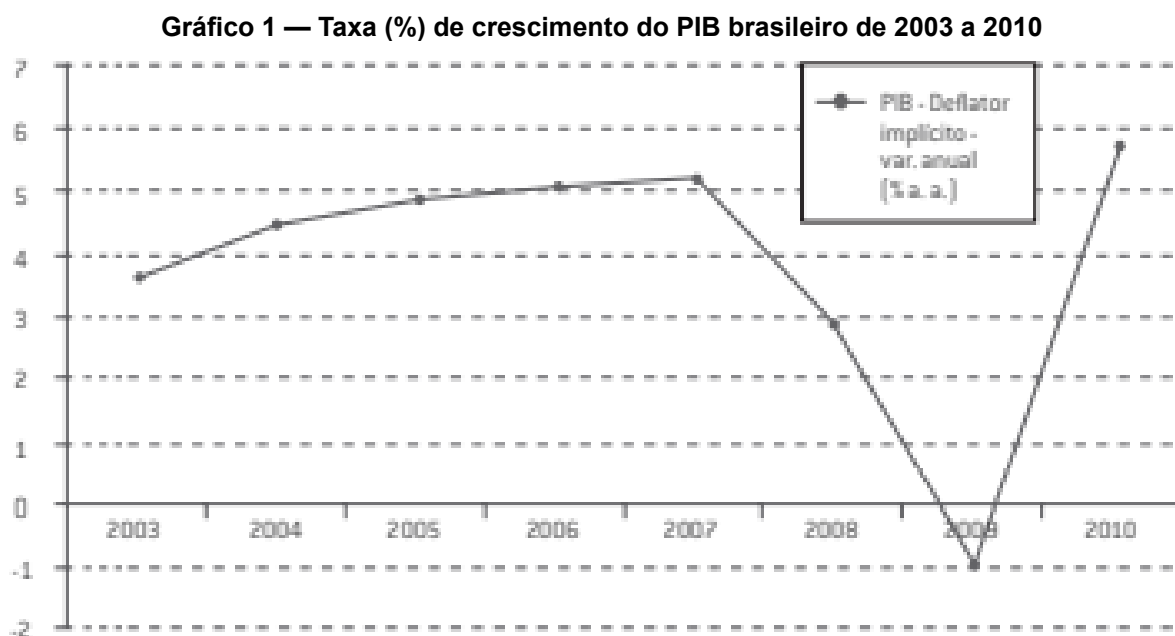
prejudicou diretamente o acesso a direitos básicos por parte dos imigrantes haitianos, bem como por parte seus descendentes (CHARLOTIN; LOUIS, 2020).

Então, a partir do final da primeira década do século XXI, essas dinâmicas de migração historicamente mais tradicionais — orientados à República Dominicana ou aos países do Norte como Estados Unidos — começam a ser substituídas gradualmente por um movimento migratório Sul-Sul mais notório e diversificado, buscando países até então, na medida do possível, menos afetados pela crise. Embora os novos destinos ainda constituíssem parte da periferia mundial, passaram a se tornar áreas de atração de migrantes por conta da relativa expansão da oferta de trabalho (precarizado e de baixa qualificação) em decorrência da inserção primária desses países na divisão internacional do trabalho e consequente especialização produtiva. Aqui se encaixa o mais recente processo de mobilidade desde o Haiti em direção ao Brasil, fluxo de migração que possui como expressão marcante a presença de “periféricos na periferia” (MAGALHÃES, 2018).

Portanto, voltemos brevemente nossa análise para o contexto brasileiro da época, também fundamental para compreendermos o movimento migratório para o país orientado nesse período. Do ponto de vista do desempenho econômico, a performance da economia brasileira é bastante influenciada pelo cenário internacional do início dos anos 2000, marcado especialmente pela forte expansão da economia chinesa em decorrência das suas altas taxas de investimento. Esse fato colocou a China como um importante importador de *commodities* agroindustriais, aumentando consequentemente a demanda internacional sobre produtos como soja, açúcar e carne, por exemplo. Por ter uma característica de exportação bastante pautada em *commodities* primárias sem tanto valor agregado, o Brasil valeu-se desse momento conhecido como “*Boom das Commodities*” para obter um saldo positivo na balança comercial, o que por sua vez colaborou com o aumento da reserva internacional de dólares e significou um aumento da produção e das taxas de emprego. Nesse sentido, há uma estimativa de que mais de 12 milhões de empregos tenham sido criados no país entre os anos de 2003 e 2010, com significativa expansão dos postos de trabalho formais, o que também provocou efeitos positivos no salário, ou seja, aumento real no salário mínimo no período. O aumento da parcela dos salários na renda do país em concomitância com programas sociais e políticas de transferência de renda fez com que houvesse uma certa diminuição na desigualdade de renda no país, expressa na queda do Índice de

Gini de 0,59 em 2002 para 0,54 em 2009, embora tal indicativo permaneça bastante alto (MATTEI; MAGALHÃES, 2011).

As limitações decorrentes da dependência econômica em relação à exportação de *commodities* permite compreender a vulnerabilidade da economia brasileira às flutuações econômicas internacionais. Essa dinâmica dependente, associada por políticas internas de estímulo à produção e ao consumo, foi responsável pelos movimentos de “*stop-and-go*” da economia do país no período, caracterizada por ciclos de aceleração econômica alternados por momentos de retração do crescimento da economia logo em seguida. Tal movimento pode ser percebido através da análise de alguns indicadores macroeconômicos da época (MATTEI; MAGALHÃES, 2011). Em termos de taxa do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), como pode ser observado no Gráfico 1, a economia brasileira vinha apresentando patamares de crescimento bastante consideráveis quando a partir de 2007 houve um declínio muito expressivo por conta da crise econômica e financeira da época, levando inclusive a um nível negativo em 2009. Essa situação foi revertida já em 2010, quando a taxa de crescimento volta a apresentar um crescimento expressivo:



Fonte: MATTEI; MAGALHÃES, 2011, p. 146.

Apesar dessa dependência e fragilidade, as políticas de resposta à crise financeira global do final da década elaboradas pelo Brasil evitaram efeitos ainda

mais negativos. Dentre as medidas econômicas anticíclicas adotadas no período estão o financiamento tanto da produção privada, quanto consumo das famílias, principalmente através do intervencionismo estatal na esfera do crédito, a fim de manter a demanda agregada, além de uma política monetária de diminuição da taxa de juros. Por último, porém de maneira alguma menos importante, o governo optou, do ponto de vista fiscal, por não encolher os gastos públicos com relação ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e nos programas de distribuição de renda. Esse conjunto de fatores colocaram o Brasil como um dos “países emergentes” menos impactados pela crise de 2008 (MATTEI; MAGALHÃES, 2011), o que colaborou com a ascensão do país como uma área de atração de imigrantes na época.

Outro ponto essencial para compreender os fluxos migratórios do Haiti em direção ao Brasil é a análise da relação estabelecida entre Brasil e Haiti no início do século XXI. Nesse contexto, cabe sem dúvidas citar a participação brasileira na Minustah, que foi uma das diversas intervenções militares, policiais e civis financiadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) na região desde o início da década de 1990. A Minustah foi constituída logo após a deposição por meio de um golpe militar do então presidente haitiano Jean-Bertrand Aristide, sob a justificativa de que o Haiti se consolidava como uma ameaça à estabilidade e à paz da região naquele momento, precisamente por conta dos possíveis êxodos ocasionados pela instabilidade sociopolítica e econômica no país. Durante a Missão, o Brasil assume uma posição de liderança das tropas e envia mais de 30 mil militares desde o início da Minustah em 2004 até 2014 (SEITENFUS, 2014).

Como indicado por Seguy (2014), a Minustah também pode ser lida como uma estratégia de recolonização do Haiti que colaborou com a continuidade do caráter subalterno imposto ao país através de mais uma intervenção externa. Dessa forma, um dos pontos levantados pelo autor para compreensão dessa dinâmica é precisamente a atuação da Minustah na supressão das reivindicações sociais no Haiti e no controle da classe trabalhadora, de maneira a fomentar inclusive a instalação e funcionamento de empresas estrangeiras — muitas das quais oriundas de países que enviaram tropas para a Missão — que poderiam valer-se da exploração da mão de obra haitiana, caracterizada por ser extremamente barata (SEGUY, 2014).

Aqui cabe lembrar, entretanto, que a MINUSTAH colaborou para a familiarização de muitos haitianos com o idioma português, introduzindo o Brasil no imaginário do país (BRAGA; FERREIRA, 2019). Desse contexto emerge um entrelaçamento complexo, que envolve tanto as investidas imperialistas do Brasil, que busca um melhor posicionamento na geopolítica do poder às custas do Haiti, colaborando com a subalternização desse país e minorando a sua dignidade (SEGUY, 2014); quanto a identificação cultural povos em sua maioria negros, colonizados pelo Norte, com muitos pontos de semelhança que incentivam uma aproximação, como a comida, cultura e esporte (MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013), além da necessidade de assegurar um lugar de dignidade e altivez perante um cenário internacional que subjuga a ambos.

Nesse cenário, adiciona-se o terremoto de janeiro de 2010, responsável por aprofundar ainda mais o cenário político e socioeconômico da região, ademais de por si só também estimular os movimentos migratórios saídos do Haiti. De acordo com números oficiais, ao todo foram mais de 300 mil mortos e 300 mil feridos, que ainda se somam aos prejuízos financeiros em decorrência, por exemplo, da destruição de patrimônio como casas e hospitais. Além do terremoto, também em 2010 foi identificada a bactéria da cólera no país, introduzida na região através de um batalhão nepalês da Minustah e que se alastrou de maneira a causar mais de 800 mil infecções e 9 mil mortes registradas até 2013 (SEGUY, 2014). Embora não possam ser considerados os únicos condicionantes de expulsão populacional do Haiti — isso seria um reducionismo visto todo o exposto até agora relacionado às heranças coloniais e à dependência do país —, é inegável que o terremoto e a epidemia de cólera catalisaram o processo de vulnerabilidade socioeconômica e ambiental do país e, por consequência, os fluxos migratórios dos haitianos para o Brasil e outros países do Sul (COTINGUIBA, 2014).

Portanto, a partir de meados de 2010 houve um aumento na vinda de haitianos para o Brasil dada a combinação de processos históricos marcados pelo colonialismo e intervencionismo com o agravamento da situação social no Haiti em um contexto de crise internacional do capital e desastre ambiental. Tal aumento de fluxo migratório pode ser percebido em números quando analisados os dados totais de migrantes por ano de registro de acordo com o país de nascimento entre 2010 e 2018, nos quais o Haiti aparece como o segundo maior grupo:



**Tabela 1 — Número total de migrantes, por ano de registro, segundo país de nascimento, Brasil, no período 2010-2018**

País de nascimento	Ano de registro									Total
	Até 2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	
Bolívia	45.736	12.411	16.275	13860	7.102	8.265	6.135	6.572	7.813	124.169
Haiti	275	480	4.278	5.602	10.669	14.487	42.423	14.711	14.154	107.079
Estados Unidos	43.308	5.593	5.766	5.414	5.531	4.317	3.576	2980	2.499	78.984
Argentina	26.564	3.771	4.381	4.973	5.529	5.876	5.111	4.892	4.696	65.793
Colombia	10.515	1.959	2.547	6.021	6.343	7.176	7.408	8.742	9.447	60.158
China	22.868	2.969	3.821	3.995	5.977	5.523	4.517	4.266	4.18	58.116
Venezuela	3.809	894	956	935	1.111	965	943	6.894	32.104	48.611
Portugal	16.352	3.266	4.588	5.428	5.039	4320	2.605	1.963	1.205	44.766
Peru	14.195	1.505	4.844	4070	4.264	4.209	3.327	3.277	2.931	42.622
Uruguai	13.321	1.866	2.162	2.826	3.196	4480	4560	4.132	5.532	42.075
Outros países	219.958	39.625	48.383	53.043	59.766	54.855	44.862	44.292	29.596	594.38
Total	416.901	74.339	98.001	106.167	114.527	114.473	125.467	102.721	114.157	1.266.753

Fonte: CAVALCANTI; OLIVEIRA; MACEDO, 2020, p. 82.

De acordo com o levantamento realizado pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), esses imigrantes eram majoritariamente homens e possuíam sua média geral de escolaridade abaixo do ensino médio. Estimou-se que, em 2018, os principais postos de trabalho formal ocupados por esse grupo eram caracterizados como posições que requerem um menor nível de instrução, como por exemplo alimentadores de linha de produção, servente de obras, faxineiro, magarefe e auxiliar nos serviços de alimentação, dentre outros (CAVALCANTI; OLIVEIRA; MACEDO, 2020; CAVALCANTI; OLIVEIRA; SILVA, 2021).

Como resposta à intensificação de entrada de haitianos no Brasil, o visto humanitário foi estabelecido como uma das principais medidas sobre o tratamento da imigração desse grupo em específico através da Resolução nº 97/2012. O mencionado instrumento jurídico discorria acerca da concessão de visto permanente a haitianos condicionado a cinco anos por razões humanitárias — sendo as últimas entendidas como resultado da deterioração das condições de vida por conta dos abalos sísmicos de 2010. Nesse sentido, a Resolução se insere dentre as políticas migratórias brasileiras como um complemento às normas estabelecidas anteriormente, que se mostraram insuficientes para atender às especificidades da migração haitiana da época (FERNANDES; FARIA, 2017).

Tendo em mente o entendimento mais robusto acerca do processo de migração que envolve Haiti e Brasil a partir da discussão feita, no próximo capítulo nos dedicaremos a entender o potencial de impacto social das TICs, em especial no contexto de acolhida. Para tanto, buscaremos analisar o papel que a tecnologia ocupa na sociedade partindo de uma observação histórica que nos permite compreender as condições atuais.

### 3 DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO, COLONIALISMO E SOCIEDADE

Este capítulo tem como objetivo analisar e debater o potencial social das TICs, especialmente dentro do contexto migratório, dado que a tecnologia pode ocupar uma função importante na adaptação e acolhimento dos migrantes na sociedade receptora. Para tanto, inicialmente faremos uma regressão temporal, buscando entender o papel das transformações tecnológicas nas mudanças sociais, políticas e econômicas ao longo da história e tendo como base as quatro grandes revoluções industriais e tecno-científicas. Em seguida, discutiremos os conceitos de “exclusão” e “inclusão” digital na sociedade contemporânea, bem como a relação entre esses temas e desigualdade socioeconômica. Por fim, também analisaremos qual o panorama de tais tópicos dentro do cenário de migração, a fim de compreender melhor como a utilização das TICs pode atuar no processo de integração social de migrantes sul-sul, principalmente no contexto de haitianos no Brasil.

De início, cabe a ressalva de que entender a tecnologia como um ponto incontornável para uma análise ampla da complexidade das atividades humanas dentro da sociedade atual não significa um alinhamento automático com o determinismo tecnológico. Isso significa que da mesma maneira que uma sociedade não pode ser explicada exclusivamente através de seus instrumentos tecnológicos, as TICs não são as únicas responsáveis pelo curso de processos sociais, econômicos, políticos e culturais. Posto isso, é inegável que as transformações tecnológicas desempenharam um papel importante nas mudanças ocorridas na forma como seres humanos vivem, se relacionam, produzem e se organizam socialmente ao longo da história (CASTELLS, 2000; SILVA, 2020), mas é importante que permaneçamos atentos ao modo como também são fruto dessas sociabilidades, sendo moldadas e influenciadas por elas.

Assim, as Revoluções Industriais podem ser consideradas pontos de inflexão por descontinuidades históricas bastante relevantes no que diz respeito aos processos de produção e distribuição de bens e riquezas. Nesse sentido, analisaremos a seguir os principais marcos tecnológicos emergidos a partir de cada Revolução Industrial e suas consequências mais notórias para a organização social,

mas cabe ressaltar que o faremos tendo continuamente em conta o papel central da colonização para garantir o capital para que esses novos meios de produção fossem criados. Nesse sentido, o desenvolvimento tecnológico europeu que deu início às grandes mudanças de paradigma das Revoluções Industriais foi advindo da riqueza originalmente acumulada por colonizadores nos séculos XVI e XVII, sem citar o fato de que os territórios coloniais foram utilizados para o escoamento populacional em períodos marcados por crises oriundas precisamente dessas mesmas revoluções (MORENO, 2008).

Considerando o exposto acima, tanto a Primeira Revolução Industrial, ocorrida no século XVIII e caracterizada principalmente pelo desenvolvimento da máquina a vapor e pela substituição dos instrumentos manuais pela maquinaria; quanto a Segunda Revolução Industrial, sucedida no século XIX e destacada pelo uso da eletricidade e do motor de combustão interna, foram momentos históricos nos quais macro-invenções proporcionaram mudanças intensas principalmente nos campos da indústria, comunicação e agropecuária (CASTELLS, 2000). De acordo com Castells (2000), as inovações em termos de geração e distribuição de energia foram basilares para o caráter revolucionário de tais momentos, em especial o caso da eletricidade na Segunda Revolução Industrial, uma vez que permitiu que outros campos também se desenvolvessem e estivessem conectados. Para o autor:

O uso difundido da eletricidade a partir de 1870 mudou os transportes, telégrafos, iluminação e, não menos importante, o trabalho nas fábricas mediante a difusão de energia na forma de motores elétricos. [...] Portanto, atuando no processo central de todos os processos — ou seja, a energia necessária para produzir, distribuir e comunicar — as duas Revoluções Industriais difundiram-se por todo o sistema econômico e permearam todo o tecido social. Fontes móveis de energia barata e acessível expandiram e aumentaram a força do corpo humano, criando a base material para a continuação histórica de um movimento semelhante rumo à expansão da mente humana (Castells, 2000, p. 74-75).

Para Karl Marx, esse período histórico é marcado por extrema violência<sup>5</sup> e pelo descolamento dos trabalhadores de seu pedaço de terra. Assim, a terra deixa de ser a principal fonte de renda do trabalhador, sendo essa transferida para a sua força de trabalho. A partir desse momento, o trabalhador possui apenas a sua mão

---

<sup>5</sup> Ao citar a bruta expropriação das terras dos trabalhadores para a criação de ovelhas que geraram a lã necessária para abastecer as máquinas de tecer, Marx menciona que “atos diretos de violência passam a constituir, em primeira instância, o pressuposto da Revolução Industrial” (MARX, 2011, p. 612).

de obra colocada à disposição do capitalista como forma de gerar o seu sustento, fazendo com que a venda força de trabalho enquanto mercadoria se consolide como uma das bases do capitalismo (MARX, 2011).

O desenvolvimento de novas formas de produção industrial a partir da inovação tecnológica e o êxodo rural característico deste momento histórico fomentou a progressiva ocupação dos grandes centros urbano-industriais, introduzindo novas características ao estilo de vida das pessoas, agora localizadas nas grandes cidades. Em comparação com a antiga ordem feudal, houve mudanças significativas, por exemplo, com relação à divisão entre locais de moradia e trabalho, mobilidade urbana e vivência em comunidade, o que, por sua vez, resultou em transformações de ordem psicossocial. Ou seja, desse novo espaço urbano-industrial surgem novas necessidades e padrões de socialização que influenciam a construção social da subjetividade, fazendo com que desse momento histórico sejam manifestadas novas formas de agir e ser (NICOLACI-DA-COSTA, 2002).

No cenário internacional, a superioridade tecnológica atingida por conta das primeiras Revoluções Industriais, especialmente em países da Europa (como Inglaterra, França e Alemanha) e Estados Unidos foi um dos fatores responsáveis por sustentar a ascensão histórica do Ocidente em um contexto imperialista, no qual a obtenção de poder e a exploração de riquezas estavam muito ligadas à capacidade de dominar o novo sistema tecnológico (CASTELLS, 2000). Vale ressaltar que, territorialmente, as inovações tecnológicas não ocorreram de maneira linear e homogênea ao redor do globo — ou até mesmo dentro de cada país. Suas mudanças geográficas estavam vinculadas a condições e interações sociais particulares:

[...] a principal lição que permanece é que *a inovação tecnológica não é uma ocorrência isolada*. Ela reflete um determinado estágio de conhecimento; um ambiente institucional e industrial específico; uma certa disponibilidade de talentos para definir um problema técnico e resolvê-lo; uma mentalidade econômica para dar a essa aplicação uma boa relação custo/benefício; e uma rede de fabricantes e usuários capazes de comunicar suas experiências de modo cumulativo e aprender usando e fazendo. As elites aprendem fazendo e com isso modificam as aplicações da tecnologia, enquanto a maior parte das pessoas aprende usando e, assim, permanece dentro dos limites do pacote de tecnologia (CASTELLS, 2000, p. 73, grifo do autor).

Já a Terceira Revolução Industrial, também conhecida como Revolução Digital ou Revolução da Tecnologia de Informação, aconteceu na segunda metade do século XX e teve como ponto-chave o avanço expressivo nos campos da micro-eletrônica, ciência da computação, telecomunicações e biotecnologia. Tais feitos foram resultado principalmente da combinação de esforços entre acadêmicos e militares, muito em decorrência das demandas estratégicas oriundas da Segunda Guerra Mundial e posteriormente da Guerra Fria, e culminaram na criação de supercomputadores, computadores pessoais (em inglês, *personal computers* ou *PC*) e da Internet, dentre muitas outras inovações. O desenvolvimento em ritmo acelerado dessas tecnologias, sua relativa redução de custos e consequente difusão entre usuários impactaram consideravelmente as mais diversas áreas da sociedade, como a política, economia, saúde, defesa, educação, entre outros (CASTELLS, 2000; SILVA, 2020).

A partir da Revolução Digital, surgem alguns aspectos que embasam a chamada Sociedade da Informação. De acordo com Castells (2000), há cinco características centrais da Sociedade da Informação (ou Informacional) que ajudam a pensar nas transformações sociais moldadas pela Revolução Digital (ainda que, seguramente, não determinadas). Para o autor, o primeiro diferencial dessa revolução tecnológica para as anteriores é o fato de que a informação é a matéria-prima que alimenta a tecnologia: dessa forma, não apenas a informação age sobre a tecnologia (ou seja, a informação permitindo o desenvolvimento de novas ferramentas e novos usos), mas a tecnologia age sobre a informação (sobre como o homem utiliza a informação). A segunda característica indicada por Castells é a capacidade de penetração das novas tecnologias, ou seja, a capacidade dos meios tecnológicos influenciarem os processos cotidianos, uma vez que a sua matéria-prima (a informação) está intrínseca às nossas atividades individuais. O terceiro aspecto está relacionado à aplicabilidade da lógica de redes<sup>6</sup> através do uso das tecnologias de informação, sendo essa configuração topológica capaz de abarcar a complexidade e a imprevisibilidade das interações, além de garantir um crescimento exponencial de vantagens com custo linear por meio da sua difusão em rede. A quarta característica, ainda ligada ao sistema de redes, diz respeito à

---

<sup>6</sup> A lógica de redes, ou topologia de redes, representa como entidades de uma rede (dispositivos eletrônicos, ou “nós” da rede) estão interligados entre si e qual fluxo os dados devem seguir (WÄHLISCH, 2010).

flexibilidade do padrão tecnológico da nova revolução, sendo essa uma sociedade em constante mudança na qual organizações e instituições podem ter seus componentes reorganizados, e processos são reversíveis e reconfiguráveis. Por fim, o quinto aspecto ressaltado por Castells é o crescente nível de integração sistêmica de tecnologias específicas, o que resulta em uma interdependência de matéria e método entre diferentes áreas — por exemplo, avanços no campo das pesquisas biológicas hoje estão muito relacionadas com a informática e nanotecnologia (CASTELLS, 2000).

Se as transformações tecnológicas das primeiras duas Revoluções Industriais colaboraram com a ocupação dos centros urbano-industriais e com as consequências psicossociais da vivência nesse novo espaço, de maneira similar as transformações vindas da Revolução Digital possibilitaram novas formas de organização social. De acordo com Nicolaci-da-Costa (2002), a criação da Internet também possibilitou a criação de um novo espaço: o ciberespaço, que estaria para a Revolução Digital assim como a metrópole esteve para a Primeira Revolução Industrial. Por não contar com uma materialidade geográfica, o ciberespaço é definido como um lugar de compartilhamento de uma realidade imaginária, criada através das redes de computadores, que possibilita novas formas de viver em comunidade (NICOLACI-DA-COSTA, 2002). Embora entendida como imaginária, isso não significa dizer que a realidade virtual não possui consequências concretas. Para citar um exemplo, grande parte das atividades de engajamento político ao redor do globo atualmente passa pelo ambiente das plataformas online, seja para alcançar apoiadores, organizar mobilizações, dentre outros (LIMA, 2011).

Desde o início da segunda década do século XXI, inicialmente na Alemanha, o debate se voltou para uma Quarta Revolução Industrial, também chamada de Indústria 4.0. Nesse momento, o foco das transformações tecnológicas está dedicado para a digitalização e automação de processos, principalmente através do uso de inteligência artificial (IA) e aprendizagem de máquina, além de intensificar a interdependência entre disciplinas e tecnologias (SCHWAB, 2016). Os principais padrões da Quarta Revolução Industrial foram resumidos na tabela abaixo:

Tabela 2 — Os Cinco Padrões da Quarta Revolução Industrial

Autonomia	veículos autônomos; drones; exploração espacial; blockchain.
Hiper-conectividade	Internet das coisas; mídias sociais; tecnologia vestível.
Adaptabilidade	computação de aplicativos; realidade virtual/aumentada; impressão 3D.
On Demand	computação em nuvem; pesquisa móvel ubíqua; mídia de streaming.
Renovabilidade	energia limpa; cidades inteligentes; veículos elétricos; comércio orgânico/justo; economia circular (reciclagem) e verde.

Fonte: IQBAL; YADAV, 2021, p. 90, tradução nossa.

A rapidez com que as inovações são criadas e com que as novas tecnologias se difundem são outra característica importante da Quarta Revolução Industrial. Nesse sentido, Schwab (2016) traz como exemplo o fato de que o iPhone foi lançado em 2007 e que já no final de 2015 havia mais de dois bilhões de aparelhos, o que demonstra a imensa capacidade de alastramento das novas tecnologias. Além da velocidade, a escalabilidade também é um aspecto importante da nova Revolução, uma vez que a automatização diminui os retornos negativos de escala. Por fim, o aumento de produtividade e redução nos custos marginais, através do uso inteligente dos dados, também são atributos de negócios digitais e possuem papel importante nas mudanças sociais e econômicas influenciadas pela Quarta Revolução Industrial (SCHWAB, 2016).

Para além dos avanços técnicos em termos de inovação em TICs — que não são o tema deste trabalho —, nos interessa refletir sobre como a utilização ou ausência de tais tecnologias pode influenciar a vivência de grupos ao mesmo tempo historicamente marginalizados e densamente conectados a essas revoluções tecnológicas, dado que a acumulação de capital através da exploração originária de riquezas nos territórios coloniais assegurou as condições materiais para os investimentos em tecnologia nas metrópoles (MORENO, 2008). Ter esse entendimento nos permite traçar caminhos de análise e refletir sobre o caráter contracolonial intrínseco à utilização da tecnologia por migrantes do Sul do mundo. Contracolonial pois é a partir da apropriação da ferramenta do colonizador — a tecnologia —, desenvolvida às custas da exploração de terras e corpos colonizados,



que migrantes podem veicular novas narrativas e conectar-se a suas unidades afetivas e/ou familiares ainda que em novos termos, por exemplo.

Com base nisso, seguiremos para uma reflexão sobre as consequências sociais das transformações tecnológicas. Nesse sentido, Castells (2000) discorre:

Assim, a dimensão social da revolução da tecnologia da informação parece destinada a cumprir a lei sobre a relação entre a tecnologia e a sociedade proposta algum tempo atrás por Melvin Kranzberg: A primeira lei de Kranzberg diz: “A tecnologia não é nem boa, nem ruim e também não é neutra.” É uma força que provavelmente está, mais do que nunca, sob o atual paradigma tecnológico que penetra no âmago da vida e da mente. Mas seu verdadeiro uso na esfera da ação social consciente e a complexa matriz de interação entre as forças tecnológicas liberadas por nossa espécie e a espécie em si são questões mais de investigação que de destino (CASTELLS, 2000, p. 113, grifo do autor).

Para seguir com essa investigação, é importante ter em mente que as mudanças de paradigmas na tecnologia têm apresentado complexas consequências no decorrer da história. Ao passo em que transformações tecnológicas fomentam o crescimento econômico e o aumento na qualidade e até mesmo na expectativa de vida (CASTELLS, 2000), elas também possuem um papel importante na manutenção ou aprofundamento das desigualdades — tanto a nível internacional quanto entre pessoas de um mesmo país —, o que por sua vez pode causar um aumento na instabilidade e fragmentação social, violência e segregação, dentre outras consequências historicamente associadas com o aumento da desigualdade (SCHWAB, 2016).

Esse aumento da desigualdade está, em grande medida, vinculado às mudanças impostas ao mercado de trabalho, pelo menos no curto prazo. Nesse contexto, a Quarta Revolução Industrial tende a não apenas continuar, como intensificar o processo de substituição de determinados tipos de trabalho por algoritmos e robôs, levando por consequência a um aumento na demanda por certas habilidades e conhecimentos técnicos (IQBAL; YADAV, 2021; SCHWAB, 2016). A nível internacional, uma das possíveis consequências da Quarta Revolução Industrial trata-se do potencial processo de retorno (*reshoring*) das manufaturas para países centrais saindo de países periféricos, em um caminho de volta aos seus países de origem, uma vez que a mão de obra barata não seria mais o principal impulsionador da competitividade das empresas. No limite, esse movimento pode significar uma necessidade de repensar a estratégia de industrialização de países

periféricos<sup>7</sup> que basearam sua indústria em empresas estrangeiras (SCHWAB, 2016).

Dada a alta permeabilidade da tecnologia nas atividades humanas e as consequências em nível socioeconômico, político e cultural da sua utilização, é possível depreender que ter acesso às TICs também significa ter acesso a recursos, conhecimento, serviços e conexões que vêm migrando cada vez mais para o ambiente digital. Da mesma forma, o não-acesso às TICs se traduz, em especial para grupos historicamente marginalizados, em uma forma de manutenção da uma posição subalternizada através da ausência de alcance a determinadas oportunidades e potenciais benefícios que estão relacionados à presença do sujeito no ambiente digital (RAGNEDDA; MUTSVAIRO, 2018). Nesse sentido, as discussões acerca dos conceitos de “exclusão” e “inclusão” digital surgem nos Estados Unidos na década de 1980 a partir da difusão do uso de computadores, e foram intensificadas com o desenvolvimento da Internet na década de 1990. Desde então, o debate tem se mostrado vasto e multidisciplinar, envolvendo estudos nas áreas de sociologia, economia, informática, dentre outros campos do conhecimento; o que já indica o caráter complexo do tema (IIZUKA, 2003).

Embora o termo “exclusão digital” denote uma dicotomia clara e bem estabelecida entre aqueles que “estão dentro” e aqueles que “estão fora” do ambiente digital — e, conseqüentemente, da Sociedade de Informação —, no presente trabalho entenderemos a exclusão e inclusão digital de maneira mais ampla. Assim, além da disponibilidade material de *software* e *hardware* e do acesso à internet, a inclusão digital também engloba o acesso a recursos e serviços relevantes e o conhecimento adequado para um uso eficiente das TICs, relacionando seu significado também com a habilidade dos grupos e dos sujeitos para utilização proveitosa da tecnologia. De tal forma, é preciso levar em consideração a garantia de conexão, a melhoria das habilidades digitais em termos de conhecimento do usuário, quais os conteúdos disponíveis e passíveis de acesso, a autonomia e confiança dos usuários e o quanto as TICs fazem parte do cotidiano das pessoas. Com base nisso, depreende-se que não necessariamente existe uma dicotomia entre incluídos e excluídos digitais: há, na verdade, uma série de

---

<sup>7</sup> É importante notar que aqui utilizamos o vocabulário das Teorias Críticas a fim de dialogar em especial com as contribuições de pensadores cepalinos, que desenvolveram as noções de centro e periferia (PINHEIRO; SOUZA, 2017).

gradações que variam de acordo com o posicionamento do sujeito dentro de uma análise multidimensional para o acesso às TICs (RAGNEDDA; MUTSVAIRO, 2018).

Dentro do contexto migratório, a inclusão digital aparece como um ponto de atenção importante a ser considerado no processo de integração social de migrantes. O tópico já passa a fazer parte da agenda de organizações internacionais como a Organização Internacional para as Migrações (OIM), que possui um projeto chamado “Migrant E-nclusion” voltado dentre outras coisas para a implementação de soluções digitais inclusivas nos programas de pré e pós-chegada dos migrantes na sociedade de acolhida desenvolvidos pela Organização. A inclusão digital começou a estar mais presente nas iniciativas da OIM a partir do momento em que passaram a ser entregues pela Organização treinamentos virtuais sobre orientação de embarque, sessões para aprendizado de idiomas à distância, feiras de emprego virtual e outras atividades que ensejaram a discussão acerca da exclusão digital (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, 2023). Como justificativa para abranger projetos e pesquisas que versam sobre o tema é colocado que:

Embora a inovação digital tenha permitido o acesso a serviços para aqueles que antes eram de difícil acesso, os benefícios da inovação digital não são distribuídos igualmente. Os migrantes que não têm acesso à conectividade online, dispositivos e habilidades digitais foram ainda mais isolados. Políticas e intervenções que não tomem medidas adequadas para combater a "pobreza digital" e a discriminação em linha para correr o risco de agravar o isolamento social e alargar as disparidades na sociedade (OIM, 2023, online, tradução nossa).

Nesse mesmo sentido, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) desenvolveu o programa “Programa de Inclusão digital do ACNUR”, que abarca iniciativas para a melhoria das condições de trabalho de refugiados nas plataformas digitais, para a diminuição de riscos digitais para essa população e para a promoção da conectividade para refugiados, bem como proporcionam auxílio técnico e financeiro para a inclusão digital através do “Digital Inclusion Fund”. É exposto pela instituição que:

O programa de Inclusão Digital do ACNUR visa garantir que os refugiados e as comunidades que os acolhem tenham o direito e a escolha de serem incluídos em uma sociedade conectada e possam ter suas vozes ouvidas no pensar e na implementação da resposta humanitária [...]. Inclusão digital é proporcionar a todos, em todos os lugares, o acesso à utilização das tecnologias digitais de maneira igualitária, segura e dotada de sentido e às

oportunidades no espaço digital, sem deixar para trás aqueles que se encontram em posições vulneráveis ou grupos tradicionalmente marginalizados e que procuram equidade (ACNUR, 2023b, online, tradução nossa).

Dado o exposto até o momento, é possível entender que as TICs tendem a cumprir um papel relevante na facilitação do acesso à informação pelo imigrante e também nas oportunidades de integração, dependendo da forma como são usadas pelas pessoas. Andrade e Doolin (2016) indicam que a maneira como essas tecnologias são utilizadas pelos usuários é o que faz a diferença na forma como essa pessoa se coloca na sociedade. Assim, a utilização da tecnologia pode facilitar a existência do imigrante em um ambiente desconhecido através do acesso a informações corriqueiras, normas legais e orientações que caso não sejam acessadas podem corroborar com uma marginalização ainda maior desse grupo, além de permitir conexões interpessoais e simbólicas importantes. De qualquer maneira, para que essa facilitação seja possível é necessário que os imigrantes obtenham o devido conhecimento e a devida habilidade para acessar os recursos mencionados (ANDRADE; DOOLIN, 2016), o que também está de acordo com a definição mais abrangente de inclusão digital que abordamos anteriormente neste capítulo.

Ainda, entende-se a inclusão digital dos migrantes como um conceito multifacetado, no qual devemos levar em consideração aspectos como o bem-estar e a possibilidade de agência dos sujeitos, ou seja, o quão livres as pessoas são para estabelecer seus próprios objetivos e interesses e persegui-los. Para alcançar, portanto, tal inclusão é necessário antes garantir as oportunidades relevantes para acomodação, integração e participação plena dos migrantes nas sociedades dos países acolhedores. É neste preciso ponto que as TICs desempenham um papel cada vez mais presente e possuem um caráter expressivamente mais transformador, a partir da possibilidade do uso de aplicações que contribuem ao aprendizado do idioma, acesso ao mercado de trabalho e estabelecimento de relações interpessoais, dentre outros pontos (ABUJAROUR, 2020).

Em especial no caso dos migrantes haitianos no Brasil, as TICs podem desempenhar outro papel essencial, para além da adaptação da pessoa na sociedade de acolhida. Trata-se da capacidade de manter vínculos com amigos e parentes que permaneceram no Haiti, ou que migraram para outros lugares. Nesse

sentido, uma das características da migração haitiana para o Brasil diz respeito ao fato de que esse movimento é realizado individualmente ou por pequenos grupos — raramente famílias inteiras migraram juntas, por exemplo. Logo, a possibilidade de manutenção de afetos e vínculos com aqueles que estão longe ocupa um espaço importante no contexto migratório, pois ameniza em alguma medida a saudade e, no limite, o sofrimento envolvido no processo da emigração. Isso faz com que as pessoas tendam a ficar por mais tempo no país que o acolhe, trazendo também consequências sociais e econômicas (CASTRO; BERNARTT; GODOY, 2017). Além disso, outro ponto importante da migração haitiana para o Brasil é a conexão entre os haitianos que entraram juntos no país e seguiram juntos o caminho de ônibus até o sul, e permaneceram juntos após se instalarem na região, formando uma rede de apoio no novo país (NETO, 2021). Nesse sentido, a utilização das TICs para o estabelecimento de novas relações afetivas no país de acolhida também se mostra um tema de atenção para nossa análise.

Com isso em mente, no próximo capítulo entenderemos como as TICs podem ser utilizadas por migrantes Sul-Sul através de histórias singulares de duas imigrantes haitianas que hoje vivem na em Porto Alegre e Novo Hamburgo. A partir dos seus relatos, será possível identificar os principais usos da tecnologia em suas jornadas migratórias, tanto no que diz respeito ao processo de adaptação no Brasil, quanto à manutenção de vínculos com pessoas queridas que permaneceram no Haiti ou migraram para outros locais.

#### 4 A UTILIZAÇÃO DAS TICS POR MIGRANTES SUL-SUL

O presente capítulo tem como intuito a apresentação das interlocutoras entrevistadas, Jenny Ylerat e Rebecca Bernard, introduzindo mais detalhes sobre como elas utilizam a tecnologia enquanto migrantes haitianas em Porto Alegre por meio dos principais apontamentos levantados em nossos encontros. Estas foram entrevistas semi-estruturadas, buscando compreender como as entrevistadas utilizam as TICs em cinco frentes: 1) aprendizado do idioma português, 2) acesso a trabalho, 3) acesso a serviços, 4) acesso à documentação e 5) estabelecimento e/ou manutenção de relações interpessoais e vínculos afetivos. O interesse por tratar dos quatro primeiros tópicos surgiu por conta de uma pesquisa do IPEA (2015), que os colocava como as quatro principais dificuldades enfrentadas pela população migrante no Brasil, o que nos instigou a querer entender melhor como a tecnologia poderia ser empregada nesse sentido. Já a escolha por tratar da utilização das TICs para as conexões com outras pessoas vêm do diálogo com a teoria mobilizada, especialmente o entendimento de que a migração é um processo complexo, que envolve uma “dupla ausência” conforme trabalhado por Sayad (2016) — imigrante aqui, emigrante lá —, fazendo com que a camada afetiva e emocional desempenhe um papel importante no bem-estar do migrante e, conseqüentemente, na sua sensação de (não)pertencimento e no seu processo de acolhida.

O convite para participarem deste trabalho veio do fato de que ambas possuem uma relação bastante particular com a tecnologia. Jenny é uma jovem estudante haitiana que utiliza um blog para registrar sua vivência no Brasil e compartilhar seus estudos e interesses. Já Rebecca é engajada em várias ações relacionadas à assistência de seus conterrâneos haitianos em Porto Alegre, uma delas a de professora de língua portuguesa, e emprega recursos das TICs em várias atividades nesse sentido. Com base nessas informações, entendemos que suas experiências seriam ricas colaborações para o debate aqui proposto. Ambas integram, ainda, a Cátedra Sérgio Vieira de Mello da UFRGS (CSVM-UFRGS).<sup>8</sup> Apesar disso, suas vozes enquanto migrantes ainda são invisibilizadas dentro do

---

<sup>8</sup> A Cátedra Sérgio Vieira de Mello é um projeto estabelecido pelo ACNUR desde 2003 que busca desenvolver educação, pesquisa e extensão voltados para o tema do refúgio em convênio com 29 universidades atualmente (ACNUR, 2023a).

ambiente acadêmico. Na revisão bibliográfica feita até então, poucos são os estudos sobre as TICs no Brasil que abarcam a experiência de imigrantes.

Aqui, cabe retomar o debate levantado por Spivak (1998) em “Pode o subalterno falar?”,<sup>9</sup> no qual o subalterno se constitui como uma figura que não fala, criada justamente pelo colonizador. Ao falar sobre por si, o sujeito se emancipa desse lugar imaginário criado pela colonialidade, confrontando o colonizador ao estabelecer uma nova narrativa sobre sua existência. Assim, não basta apenas que a pessoa fale: urge que ela seja ouvida de forma a não ser deslegitimada, infantilizada ou folclorizada de antemão, garantindo uma aparição legítima. Isso é também assegurar que sua narrativa sustente toda sua potência — não somente onde o sujeito é subjugado e violentado, mas também onde se fortalece e cria condições e alternativas para seguir vivo —, colocando-se em disputa com as narrativas do colonizador sobre a sua vivência (SPIVAK, 1998). Guiadas pelo aporte teórico dos estudos subalternos, buscamos, portanto, nos aproximar das nossas interlocutoras com respeito e abertura para ouvir atentamente as falas entoadas por Jenny e Rebecca, duas mulheres imigrantes haitianas, entendendo-as como especialistas da própria trajetória (ESPINOZA, 2020) e refletindo sobre suas contribuições à discussão sobre o uso das TICs no contexto migratório.

O capítulo será organizado em duas subseções. A primeira abordará a entrevista realizada com a Jenny, a segunda será voltada para a entrevista com a Rebecca. Em ambos os momentos, tratamos de relacionar o que foi trazido pelas entrevistadas com as discussões estabelecidas em outros trabalhos. É importante ter em mente que ambas as conversas ocorreram de maneira remota a pedido das interlocutoras e foram estabelecidas e gravadas a partir do aceite livre e esclarecido das convidadas. As transcrições das conversas estão disponíveis integralmente na seção de apêndice deste trabalho.

#### **4.1 ENTREVISTA COM JENNY YLERAT**

A entrevista com Jenny Ylerat foi realizada dia 14 de dezembro de 2022, uma quarta-feira, às 10 horas, de maneira online, através da plataforma MS Teams. Jenny se une à reunião desde sua casa, em Novo Hamburgo, região metropolitana

---

<sup>9</sup> Ou, ainda, em uma tradução possivelmente mais precisa: “Pode a subalterna falar?”.

de Porto Alegre, através do seu celular, enquanto eu acesso a sessão desde a minha casa, em Porto Alegre, através do meu notebook.

Nascida no Haiti, Jenny está no Brasil há cinco anos, cursa Saúde Coletiva na UFRGS e estagia na prefeitura de Sapucaia do Sul, cidade da região metropolitana de Porto Alegre. Jenny fala francês, crioulo e português, e por isso já traduziu artigos e panfletos do português para o crioulo, além de ter atuado como mediadora intercultural no Projeto Anfôm, envolvendo o NEPEMIGRA e o setor Saúde do Imigrante/Núcleo de Equidades da Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de Porto Alegre que, inclusive, disponibilizou, como alguns de seus resultados, uma cartilha em formato digital e um diálogo em crioulo haitiano entre duas migrantes, com o objetivo de difundir de modo popular, informações estratégicas de acesso à saúde, em formato de áudio que visou seu amplo compartilhamento via Whatsapp (APRESENTAÇÃO..., 2021). Engajada em projetos relacionados à temática migratória, também é bolsista da CSVM-UFRGS e membro do Grupo de Assessoria a Imigrantes e Refugiados (GAIRE).<sup>10</sup> Além disso, como atividade de uma das disciplinas do curso de Saúde Coletiva, Jenny criou um blogfólio intitulado “O Percurso de uma Sanitarista”, no qual compartilha a sua experiência enquanto estudante, mulher e imigrante negra no Brasil, além de tratar de assuntos do seu interesse como saúde mental, arte e política. Embora a criação do blog tenha partido de uma demanda da faculdade, ela optou por continuar atualizando-o como forma de registrar sua vivência e compartilhá-la com as pessoas (YLERAT, 2022).

Em poucos minutos de conversa percebo que Jenny se comunica com tranquilidade em português, logo a entrevista segue inteiramente neste idioma. Embora hoje tenha um domínio notável da língua portuguesa, ela comenta que nem sempre foi assim. Ao chegar ao Brasil anos atrás, Jenny recorreu a aulas de português gratuitas disponibilizadas no Youtube para ter um conhecimento básico do idioma:

Quando cheguei aqui eu não tinha um lugar pra pegar o português, então eu tinha que pesquisar no Youtube, procurar alguns professores que estavam dando cursos para poder ter um básico assim. E eu utilizei vários aplicativos também, tem um português... tem um dicionário de português para francês, tem o Duolingo também, que ajuda na língua também. Eu usei esses aplicativos e depois eu consegui ir num projeto que estava bem perto da minha casa para poder aprofundar a língua né, mas o esforço... o esforço

---

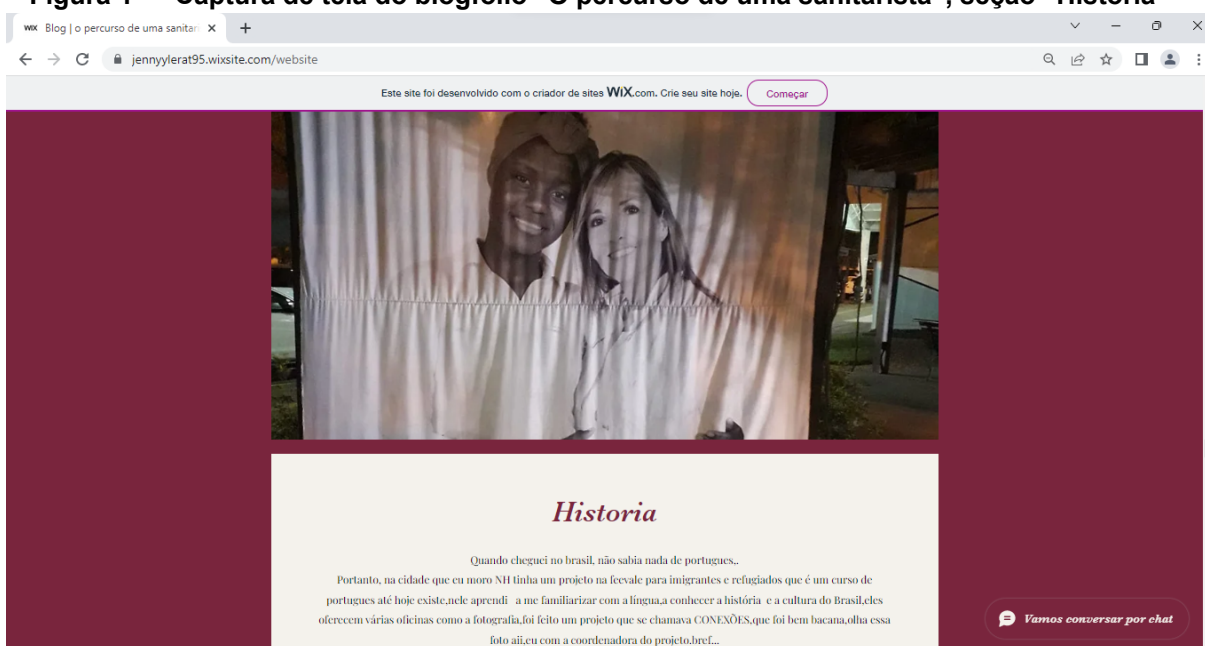
<sup>10</sup> O GAIRE é um projeto de extensão da UFRGS que fornece assistência jurídica e psicossocial gratuita para migrantes e refugiados (UFRGS, 2023b).



que eu fiz é tipo ampliar mesmo com a tecnologia. Às vezes eu não entendo uma palavra, eu tinha que procurar no Google, no Youtube, pra entender essa palavra. Então posso dizer que é um ponto bem forte a questão da tecnologia em si na aprendizagem de uma língua à outra (YLERAT, 2022).

Em seu blog, Jenny explica que esse aprendizado inicial, alcançado através do conteúdo disponível na internet foi aprofundado em um projeto de ensino de português voltado para imigrantes e refugiados desenvolvido pela Universidade Feevale, na cidade de Novo Hamburgo, onde Jenny mora (YLERAT, 2023):

**Figura 1 — Captura de tela do blogfólio “O percurso de uma sanitarista”, seção “Historia”<sup>11</sup>**



Fonte: YLERAT, 2023.

No entanto, as ferramentas tecnológicas ainda são bastante úteis para ampliar o conhecimento e facilitar um entendimento mais preciso durante os esforços de comunicação com as outras pessoas ao permitir, por exemplo, que se busque o significado de uma palavra em português que não foi plenamente compreendida pelo falante não-nativo (YLERAT, 2022). O aprendizado do idioma falado na sociedade acolhedora e o desenvolvimento da habilidade de comunicação são cruciais para o estabelecimento das interações diárias e para o acesso à

<sup>11</sup> Transcrição do texto: “Quando cheguei no brasil, não sabia nada de portugues. Portanto, na cidade que eu moro NH tinha um projeto na feevale para imigrantes e refugiados que é um curso de portugues até hoje existe, nele aprendi a me familiarizar com a língua,a conhecer a história e a cultura do Brasil, eles oferecem várias oficinas como a fotografia,foi feito um projeto que se chamava CONEXÕES,que foi bem bacana,olha essa foto aii,eu com a coordenadora do projeto.bref...”

educação e a oportunidades de emprego, promovendo bem-estar e fomentando a integração social do migrante. Nesse cenário, as aulas online gratuitas emergem como uma alternativa — ou, ainda, material de apoio — para os métodos tradicionais de ensino de idiomas. Por estarem disponíveis gratuitamente na internet, tais recursos podem atingir um número muito alto de estudantes (escalabilidade) e permitem uma autonomia aos migrantes com relação a sua jornada de aprendizado, incluindo como, quando, o que e com quem o sujeito precisa e/ou gostaria de estudar (ABUJAROUR, 2020).

Ademais, cabe refletir que a plena utilização das TICs para apoio em atividades cotidianas e burocráticas passa, necessariamente, pelo entendimento do idioma no qual as ferramentas tecnológicas estão apresentadas. É importante retomar aqui a ideia de que a inclusão digital é um processo de vários níveis, que vai além do mero acesso a um computador ou a internet, por exemplo, e que abrange também o tipo de conteúdo online que a pessoa acessa e sua habilidade de entendê-lo propriamente (RAGNEDDA; MUTSVAIRO, 2018). Nesse sentido, podemos depreender que a barreira linguística também se apresenta como uma barreira à inclusão digital dos migrantes.

Nesse sentido, ao conversarmos sobre a utilização das TICs no acesso à documentação, Jenny comenta que, com base na sua experiência e daquilo que ela observa, a digitalização desse processo gerou novas dificuldades a partir do uso da plataforma da Polícia Federal para obtenção dos formulários que devem ser preenchidos e para agendamento de atendimento (YLERAT, 2022). Além de problemas técnicos relacionados à disponibilidade do sistema, em grande medida essa dificuldade deriva de obstáculos linguísticos e da ausência de conhecimento e orientação sobre como utilizar a plataforma:

Quando eu cheguei aqui, eu tinha que fazer o... a identidade, né? Na polícia federal. Então não tinha essa questão de agendar que tem hoje em dia, né? Hoje em dia tem essa questão de agendar na Polícia Federal que é muito difícil. Eles tem uma plataforma pra fazer esse agendamento e sempre tá ocupado...como eu posso dizer? Não é fácil conseguir ir e agendar. Mas quando eu tinha que fazer essa identidade a primeira vez, não tinha essas coisas pra mexer na tecnologia, assim, era ir lá mesmo e eles te deram um agendamento e tu veio trazer os documentos. Mas pra renovar eu tinha que fazer tudo essas questões de mexer na plataforma deles pra pegar um agendamento, para preencher alguns formulários também, para trazer pra eles no dia do agendamento. Tá sendo um pouco mais difícil porque nem todos conseguem mexer nas plataformas que eles deram. [...] Essa questão de internet e telefone, todo mundo tem hoje em dia os dois, sabe? Então é mais como mexer e também sobre a língua, porque é tudo em português.

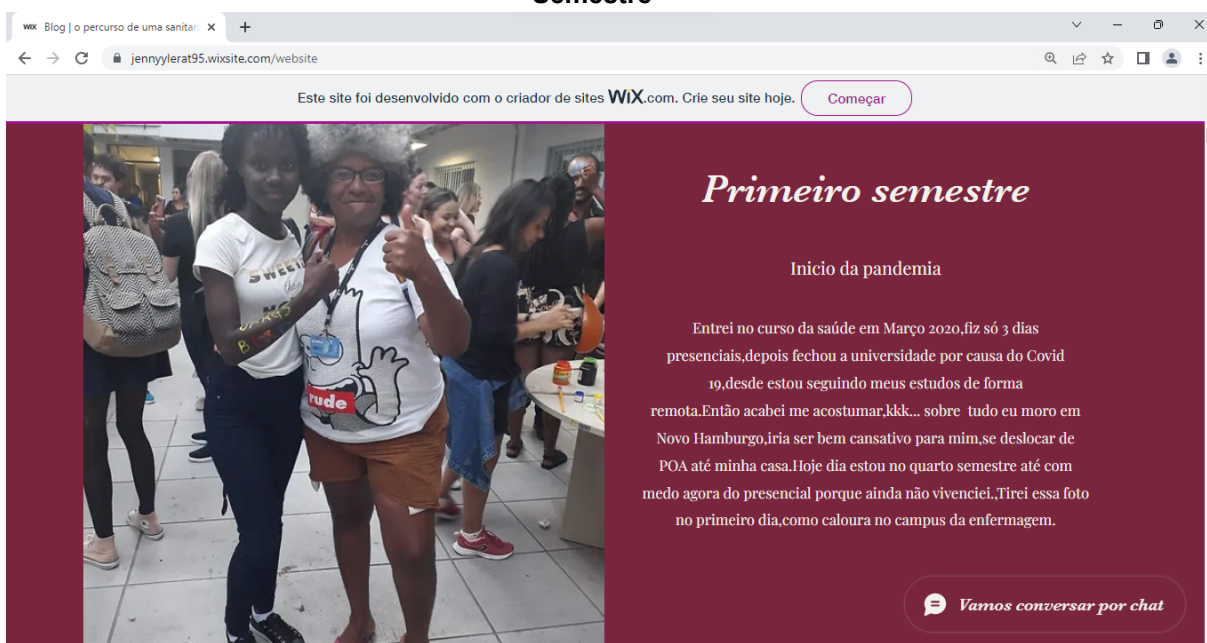
[...] Então é mais essa questão de entender o que fazer, porque tem gente que não fala a língua, então entender o propósito e como mexer na plataforma mesmo. E tem uns que até conseguem ajuda, mas por causa de que a plataforma tá sempre ocupada, sempre lento, tá caindo toda vez, então dificultou esse processo (YLERAT, 2022).

Assim, apesar da pessoa ter as ferramentas necessárias para o acesso ao recurso (por exemplo, internet e telefone), o alcance ao serviço online é obstruído por outras variáveis, como dificuldade com o idioma e disponibilidade técnica. De maneira semelhante, não saber como navegar pela plataforma utilizada impôs adversidades também ao processo de contratação da Jenny para sua vaga de estágio. Nesse caso, a solução alternativa encontrada foi o uso do e-mail para assinatura e envio dos documentos necessários (YLERAT, 2022). Inclusive, é interessante perceber como o e-mail aparece como uma ferramenta de apoio importante em estudos focados na utilização das TICs por migrantes. Em uma pesquisa realizada em 2016 na Nova Zelândia com mais de 50 refugiados de diferentes nacionalidades, ele apareceu como uma solução bastante comum não apenas para realização de tarefas cotidianas, como por exemplo comunicação informal ou agendamento de consultas médicas, mas também para comunicações mais formais, como para relatar um problema a agências governamentais. Esse último caso se dá especialmente por conta da preferência pela linguagem escrita para explicar com maior clareza o problema experienciado, dado o receio de que o sotaque do migrante dificultasse o pleno entendimento da situação (ANDRADE; DOOLIN, 2016).

Foi também através da internet que Jenny primeiramente teve acesso a informações sobre como ingressar no ensino superior. Ao pesquisar no Google sobre universidades federais no Brasil, ela comenta que encontrou a UFRGS e a partir daí buscou mais orientações sobre como ingressar na instituição e quais as alternativas disponíveis para os migrantes (YLERAT, 2022). Jenny fez uso do ingresso especial para refugiados (YLERAT, 2023), opção disponível para “pessoas que comprovem documentalmente estar em situação de refúgio, ingressantes no país decorrentes de reunião familiar ou pessoas que tenham obtido a regularização de sua situação no Brasil por razões humanitárias” (UFRGS, 2023a, online). Hoje cursa Saúde Coletiva na instituição e possui nas TICs um meio de acesso a artigos e bibliografia que a permitem desenvolver seus estudos (YLERAT, 2022).

Com o avanço da pandemia de COVID-19 em 2020 e a consequente suspensão das aulas devido aos protocolos sanitários, seguida do estabelecimento do Ensino Remoto Emergencial na UFRGS, a tecnologia aumentou ainda mais a sua função dentro do contexto acadêmico. Em uma seção de seu blog dedicada ao seu primeiro semestre na faculdade, Jenny relata um pouco da sua experiência e adaptação ao ensino remoto:

**Figura 2 — Captura de tela do blogfólio “O percurso de uma sanitarista”, seção “Primeiro Semestre”<sup>12</sup>**



Fonte: YLERAT, 2023.

Por meio do seu blog, Jenny também compartilha orientações sobre o processo de entrada na Universidade através do ingresso refugiado da UFRGS, sobre o exame de proficiência em português Celpe-Bras e sobre o Programa de Português para Estrangeiros (PPE), onde também estudou o idioma (YLERAT, 2023). São assuntos extremamente relevantes dentro do contexto de acolhida a migrantes em Porto Alegre e podemos inferir que a sua escolha em compartilhar informações sobre eles permite que outros migrantes também se apropriem desse conhecimento e estejam mais cientes das suas opções. Além disso, o próprio blog

<sup>12</sup> Transcrição do texto: “Entre no curso da saúde em Março 2020, fiz só 3 dias presenciais, depois fechou a universidade por causa do Covid 19, desde estou seguindo meus estudos de forma remota. Então acabei me acostumar, kkk... sobre tudo eu moro em Novo Hamburgo, iria ser bem cansativo para mim, se deslocar de POA até minha casa. Hoje dia estou no quarto semestre até com medo agora do presencial porque ainda não vivenciei. Tirei essa foto no primeiro dia, como caloura no campus da enfermagem.”

se trata de um exercício diário de comunicação em língua portuguesa, no qual a autora vai testando sua destreza e fluência. Não há, nesse caso, maiores preocupações com formalidade: há, sim, um interesse em comunicar-se, falar de si.

Além da utilização da tecnologia para acesso à informação, recursos e serviços, Jenny também aponta que as TICs possuem uma função valiosa no estabelecimento e manutenção das relações afetivas. Nesse sentido, a comunicação com os familiares que permaneceram no Haiti é facilitada através da internet e aplicativos como o WhatsApp, de maneira que vídeo chamadas e mensagens de texto são parte do dia a dia (YLERAT, 2022). Com relação a esse contato, Jenny comenta:

Como é tudo WhatsApp, né? E para falar com a minha família lá é o WhatsApp, é uma chamada de vídeo que nos ajuda... E mesmo pra eles é um pouco complicado, fica caindo toda vez, eu posso dizer que não tem uma estrutura que nem tem aqui para poder ter um internet bom. Tu pode tá começando a falar e daí eles tem problema de internet tá caindo... Mas é com ajuda do WhatsApp que a gente poderia todo dia, mesmo que seja um pouco ruim de fazer a chamada de vídeo com eles, mas a gente consegue mandar áudio, falar todo dia (YLERAT, 2022).

Tendo em conta que a separação familiar em decorrência do movimento migratório tende a ser um processo delicado e complexo emocionalmente, a possibilidade de manter um vínculo com os familiares que estão distantes através das TICs — caso assim o sujeito deseje — é um ponto importante para preservação da saúde mental do imigrante (SHAH; HESS; GOODKIND, 2019). Dessa forma, entender como os migrantes haitianos utilizam a tecnologia, mesmo que dentro das suas limitações, para promover o seu bem-estar é entendê-los como agentes dotados de autonomia para fazer uso das ferramentas disponíveis em prol da sua saúde física e mental.

Além de favorecer a manutenção do contato com os familiares que permaneceram no país de origem, as TICs atuam como um facilitador do estabelecimento de novas relações e amizades no país acolhedor. Jenny comenta que muitos dos novos vínculos surgem ou são reforçados através de plataformas como Instagram e Tiktok:

Sobretudo o Instagram, né? Antes eu não tinha Instagram, mas quando eu cheguei aqui todo mundo tá me perguntando “tu tem Instagram?”. Eles não perguntam se tu tem Whats, eles falam “tu tem Instagram?”... Aí eu tive que criar uma conta de Instagram e assim eu já tenho bastante amigos no

Instagram. Ajuda muito fazer isso. O TikTok também, as pessoas às vezes estão te seguindo e acaba sendo uma amizade mesmo, que tu conhece... (YLERAT, 2022).

É interessante perceber como as mídias sociais têm ocupado um espaço relevante na construção de vínculos interpessoais dentro do contexto migratório. A partir do acesso às TICs e da utilização das redes sociais, os imigrantes podem conectar-se com outras pessoas — também migrantes ou não —, criando novas relações e desenvolvendo contatos que favorecem sua integração na sociedade de acolhida. A partir desses novos convívios, o migrante amplia sua rede de apoio e pode engajar-se em atividades de socialização com novos conhecidos (ANDRADE; DOOLIN, 2016), além de produzir conteúdos sobre si e sobre sua vivência, desviando de abordagens oficiais.

A partir da conversa com a Jenny, pudemos verificar que as TICs estão intrínsecas ao cotidiano da jovem. Em alguns momentos ela menciona que a tecnologia é a ferramenta mais utilizada hoje em dia e que usa o Google e aplicativos como Instagram, WhatsApp e Tiktok de maneira recorrente, além de apoiar-se em pesquisas online para sua formação acadêmica. Desde já recomendamos a leitura da transcrição da entrevista por completo, a qual está disponibilizada na seção de Apêndice do trabalho, para mais detalhes.

## **4.2 ENTREVISTA COM REBECCA BERNARD**

A entrevista com Rebecca Bernard ocorreu dia 20 de dezembro de 2022, às 20 horas, através da plataforma Zoom. Inicialmente planejada para acontecer às 09 horas do dia 20 de dezembro, a entrevista teve de ser adiada precisamente por problemas técnicos. Ao nos conectarmos na reunião pela primeira vez no início da manhã (eu através do meu notebook e Rebecca através do seu celular), Rebecca não conseguia me ouvir e, depois de muitas tentativas fracassadas de fazer a comunicação acontecer, decidimos postergar o encontro para mais tarde, no mesmo dia. Pela noite a conexão de áudio se deu sem maiores problemas e a conversa ocorreu sem outras adversidades técnicas.

Imigrante haitiana, Rebecca Bernard veio para o Brasil em janeiro de 2013, inicialmente para o município gaúcho de Venâncio Aires, onde trabalhou durante um mês. Logo mudou-se para Porto Alegre, onde mora desde então. É mestre em

Sociologia pela UFRGS e ministra aulas de português para imigrantes. Já participou e ainda participa de diversas instituições, dentre as quais a Associação da Integração Social (AINTESO) — previamente denominada Associação dos Haitianos do Rio Grande do Sul —, da Cátedra Sérgio Vieira de Mello, da equipe da Biblioteca Comunitária René Depestre e do Centro Humanístico Vida. Foi nesse último, ela indica, que passou a ter mais contato com seus conterrâneos que também viviam no Brasil e desde então tem se dedicado para auxiliar imigrantes haitianos no seu processo de integração em Porto Alegre. Rebecca comenta que muito do seu trabalho junto à comunidade haitiana na cidade é agir como uma mediadora entre o migrante e o serviço do qual ele necessita, fornecendo apoio logístico e até mesmo como tradutora (BERNARD, 2022).

Durante a entrevista, é nítido o interesse dela pelo estudo e pela literatura, já que Rebecca menciona algumas vezes que possui gosto pela leitura. Faz sentido, portanto, que os livros, mais especificamente os livros físicos, tenham sido o ponto de partida do aprendizado do idioma português para Rebecca (BERNARD, 2022). Nesse contexto, uso da tecnologia aparece, na verdade, como uma alternativa mais oportuna para consultas rápidas e em locais nos quais não seria possível ou confortável carregar consigo um livro físico:

[...] por exemplo, na rua... Eu tenho um livro, não conseguia levar o meu dicionário, a gente usava o telefone para procurar no Google tradutor, isso ajuda muito. Depois, quando eu voltei para... Eu sempre estava procurando né, porque quando eu estava trabalhando, quando o brasileiro ou a brasileira falava uma coisa, eu não entendia, eu falava “Espera um pouquinho!” e peguei o celular e aí entendia o que a pessoa queria me dizer. [...] Quando recomecei a estudar, era mais fácil pra mim estudar com o celular em mão, porque baixei os livros no Google Drive e estudava por onde eu passava, não precisava, apesar de eu ter feito as impressões e eu tinha as folhas impressas em casa para ler em casa e para sublinhar as palavras desconhecidas e procurar no Google Tradutor porque é mais fácil (BERNARD, 2022).

A facilidade do acesso às informações e aos recursos necessários em tempo real e de qualquer lugar desde que haja conectividade é um diferencial do uso das TICs no processo de aprendizagem de um idioma. Mesmo com limitações em termos de qualidade das traduções, inclusive citadas pela Rebecca durante nossa conversa, o Google Tradutor se apresenta como um instrumento bastante utilizado por estudantes de uma língua estrangeira. Uma das principais características do emprego de aplicações como o Google Tradutor está no fato de que o sujeito pode

agir de maneira autônoma sobre suas metas, interesses e ritmo de aprendizado — não, necessariamente, de forma autodidata, mas com maior liberdade de agência e possibilidade de personalização (COSTA, 2012).

Nessa mesma linha, a experiência da Rebecca adquire camadas ainda mais curiosas, já que além de ser uma imigrante haitiana em contínuo processo de aprendizado do português, conforme ela mesmo menciona por diversas vezes em nosso encontro,<sup>13</sup> ela também se dedica ao ensino do português para estrangeiros. Assim, ao mesmo tempo que utiliza as TICs como instrumento de aprendizagem para si própria, também as emprega enquanto ferramenta de ensino no papel de orientadora do aprendizado, de acordo com suas próprias palavras.<sup>14</sup> Dessa maneira, o acesso ao conteúdo disponível no Youtube, principalmente músicas, auxilia as atividades de escuta e pronúncia, além de facilitar a absorção de vocabulário. Ela também faz uso de quadros de exercícios disponíveis online e estimula que os migrantes pesquisem na internet sobre o tema que será tratado na aula (BERNARD, 2022), além de ter escrito um livro para ensinar português a migrantes haitianos que hoje se encontra disponível online gratuitamente (BERNARD, 2021).<sup>15</sup> Rebecca percebe que há uma diferença na forma como os processos de aprendizado atualmente devido à utilização de instrumentos tecnológicos:

“Eu encontrei uma coisa assim na internet, vocês peguem o seus telefones e entrem em tal e tal lugar, nós vamos dizer o que vocês acharam e nós vamos debater”. [...] Eu cheguei na sala e falei assim: “Seja online ou presencial, hoje nós vamos estudar tal e tal tema. O que vocês acharam na pesquisa que vocês fizeram o dia passado? Então tá, vamos estudar”. É assim. Mas a internet tem um papel importante. [...] Na minha época não era assim, mas as coisas mudam e tem que mudar, porque nós estamos crescendo, né? (BERNARD, 2022).

---

<sup>13</sup>Por exemplo, em determinado momento, Rebecca relata uma passagem de suas aulas: “[...] eu sempre falei assim: ‘Gente, nós estamos aprendendo uma língua que não é nossa, é dizer que eu não sei tudo. O que vocês precisam, eu vou pesquisar e amanhã ou depois de amanhã eu vou trazer para vocês’. É assim. E eles pesquisavam também junto comigo. Isso facilitava muito a nossa aprendizagem” (BERNARD, 2022).

<sup>14</sup>Rebecca explica como se comunica com os migrantes que vão até ela para aprender português: “Vocês podem pesquisar, depois de amanhã vocês voltem para cá e vocês mostrem o que vocês acham, eu vou pesquisar também’. O meu papel não é de educadora, não sou educadora. Eu sou uma orientadora” (BERNARD, 2022).

<sup>15</sup>Para além de um instrumento pedagógico da língua portuguesa, seu livro também versa sobre o colonialismo e racismo no cenário brasileiro e haitiano e sobre a vivência de imigrantes negros no Brasil (BERNARD, 2021).



Nesse contexto, as TICs são aplicadas como complemento para as situações promovidas no convívio com outras pessoas — nos exercícios de sala de aula com outros migrantes, por exemplo —, seja como fonte para pesquisa ou instrumentos de apoio. Assim, o conceito de ensino híbrido, ou *blended-learning*, surge como uma abordagem cada vez mais difundida entre os migrantes ao conciliar metodologias do ensino presencial e do ensino remoto. Na prática do ensino híbrido, as ferramentas da TICs (como aplicativos de celular, por exemplo) são entendidos como instrumentos valiosos de apoio para ampliação do vocabulário e reforço das normas gramaticais, por exemplo, porém o diálogo com nativos e também com outros migrantes em aulas conjuntas são essenciais para o aprendizado de um idioma por parte de migrantes (MUÑOZ; COLUCCI; SMIDT, 2018).

Exemplo disso é que, a partir de uma pesquisa qualitativa realizada em 2016 com 39 migrantes e refugiados de diversos países na Europa, foi possível perceber a importância de interações com pessoas reais para uma integração efetiva dos migrantes na sociedade de acolhida. Um dos migrantes que integrou o grupo focal suíço indica que: “nós [migrantes] podemos aprender a partir de aplicativos, mas nós precisamos nos comunicar com pessoas reais. Nós podemos aprender a gramática, mas nós precisamos aprender como colocar as frases juntas. Nós temos que falar com pessoas reais para sermos integrados na ‘vida real’” (MUÑOZ; COLUCCI; SMIDT, 2018, p. 10, tradução nossa). De acordo com os resultados dessa pesquisa, uma abordagem híbrida de ensino e aprendizagem que combine de práticas metodológicas de ambos os modelos — remoto e presencial — aliada ao emprego das ferramentas e recursos tecnológicos disponíveis pode levar a resultados valiosos para o migrante (MUÑOZ; COLUCCI; SMIDT, 2018).

A abordagem híbrida passou a ser ampliada principalmente a partir da recente pandemia da COVID-19, momento no qual as medidas sanitárias de isolamento social demandaram o estabelecimento da prática do ensino remoto. Rebecca comenta que foi nesse momento que as aulas online através de plataformas de vídeo-chamada ou do próprio WhatsApp tornaram-se recorrentes, a tal ponto que hoje ela tem na sua própria casa equipamentos como lousa, que a permitem promover remotamente encontros de ensino mesmo após o encerramento da quarentena (BERNARD, 2022). Sobre essa dinâmica, Rebecca comenta:

O trabalho que eu faço é diretamente com jovens e adultos. Às vezes os adultos, exemplo as mães, que estão trabalhando e tem os filhos em casa de noite, nós trabalhamos, eu dou aula via remota. Eu mando um link, às vezes nós trabalhamos fazendo chamada de vídeo pelo Whatsapp. Eu tenho uma lousa atrás de mim (aponta para o fundo do cômodo, onde há um quadro branco), viu? [...] Durante a pandemia, começou. E também continua. Mas eu tinha um grupo presencial e tem alunos que gostam mais de ir lá na sala de aula porque quando é online, não conseguem fazer perguntas... Tem barulho, as crianças choram, os vizinhos falam uma coisa... Mas dava certo (BERNARD, 2022).

Podemos depreender a partir desse relato que as aulas remotas ou híbridas possuem seus desafios específicos, dado que nem todos possuem um espaço ideal para participar da aula ou podem dedicar sua atenção exclusivamente para a atividade. No entanto, também é a opção de conectar-se à distância que permite a presença de pessoas que não poderiam se envolver em tais atividades caso elas ocorressem exclusivamente de maneira presencial. Assim, grupos historicamente privados ou distanciados de uma oportunidade de educação podem encontrar no ensino remoto ou híbrido uma possibilidade de acesso ao ensino.

Além disso, assim como Jenny, Rebecca também coloca a importância da tecnologia para a comunicação com pessoas queridas que estão distantes. No seu caso, junto a ela aqui no Brasil estão sua mãe e seu sobrinho, enquanto uma irmã migrou para o estado da Flórida, nos Estados Unidos, e outros irmãos permaneceram no Haiti. Através de ligações de vídeo, os familiares podem conversar, cantar e orar juntos, atividades que perceptivelmente são de grande estima para os envolvidos e promovem o bem-estar, amenizando a saudade e permitindo a manutenção do vínculo com pessoas geograficamente dispersas (BERNARD, 2022).

Ainda nesse contexto, as autoras Shah, Hess e Goodkind (2019) trazem a ressalva de que a possibilidade de comunicar-se facilmente com membros da família que estão em outros países pode possuir tanto efeitos positivos na saúde mental de migrantes, relacionados à encorajamento e ao suporte social; quanto negativos, como por exemplo a sensação de impotência em muitas vezes ver seus familiares em uma situação difícil e não poder ajudá-los. Embora o segundo cenário não tenha sido citado em nenhuma das entrevistas realizadas para o presente trabalho, os efeitos negativos foram identificados como resultado em estudo qualitativo conduzido com 290 refugiados de diversos países, o qual indicou que o contato com

familiares distantes podia também ser mental e emocionalmente cansativo (SHAH; HESS; GOODKIND, 2019).

Além da conexão com familiares que estão fisicamente distantes, Rebecca também comenta o papel importante que as TICs possuem no bem-estar da sua mãe, que no momento da entrevista estava com 75 anos. Rebecca menciona que sua mãe entende pouco português, o que, por consequência, dificulta que ela tenha atividades de entretenimento aqui no Brasil. Como uma alternativa, Rebecca compartilha a internet do seu celular para o notebook e acessa o Youtube procurando por rádios e emissoras de televisão em francês ou crioulo, no qual a mãe acompanha pessoas falando e cantando em um idioma que ela entende (BERNARD, 2022). É notável que ver sua mãe em contato com um idioma que lhe é familiar traz uma sensação de felicidade também para Rebecca, que diz:

Se fosse ter 20 anos atrás, ela não estaria vivendo o que ela está vivendo agora. [...] Mas é bom né? Eu posso sair, eu deixei meu celular, porque se eu saio e levo o celular, já termina a internet... Mas eu fiquei feliz vendo isso. Estou falando aqui no quarto com você, ela está lá assistindo. A minha irmã vai ligar daqui há pouco pra saber como ela está, mas mesmo sendo longe, nós estamos morrendo [de saudade], mas o que nos ajuda, o que nos alivia um pouco, é a tecnologia. [...] A tecnologia tem um papel fundamental na nossa vivência e convivência, **viver com os outros**, sabe? Ela nos ajuda. É uma benção. Depende da maneira que as pessoas estão utilizando a tecnologia, mas é uma benção na vida da gente (BERNARD, 2022. grifo nosso).

Com base nas palavras utilizadas pela Rebecca para referir-se à tecnologia, podemos entender que a sua utilização das TICs possui efeitos positivos no que tange sua experiência enquanto imigrante haitiana, principalmente no que diz respeito à aprendizagem e ao ensino de português, bem como sua conexão com familiares que estão distantes. Aproveitamos para destacar, entretanto, a frase grifada da citação acima, em que Rebecca menciona a importância da tecnologia para “viver com outros”, revelando seu potencial de mediação intercultural. Assim como a entrevista com a Jenny, a conversa com a Rebecca também está transcrita na seção de apêndice e sugerimos a leitura para maior conhecimento.

#### **4.3 USO DAS TICS POR MIGRANTES E CONTRACOLONIALISMO**

A partir dos apontamentos levantados nas conversas com Jenny e Rebecca, é possível depreender que as TICs possuem uma alta permeabilidade na vida das

nossas interlocutoras, estando presentes em diversas frentes do seu cotidiano, como a esfera acadêmica, laboral ou de relações interpessoais, por exemplo (YLERAT, 2022; BERNARD, 2022). Essa capacidade de penetração da tecnologia nas atividades diárias das pessoas, vale lembrar, é precisamente apontada por Castells (2000) como uma das características centrais da Sociedade Informacional, visto que a matéria-prima que alimenta a tecnologia é justamente a informação presente no dia a dia das organizações e das pessoas.

Dentre as cinco frentes de emprego das TICs abordadas nas entrevistas (sejam elas o aprendizado da língua portuguesa, acesso a trabalho, acesso a serviços, acesso a documentação e desenvolvimento de relações interpessoais e vínculos afetivos), foi possível perceber um ponto em comum com relação a quais tópicos nossas interlocutoras mais compartilharam sobre seu uso da tecnologia: o aprendizado do idioma e as suas relações com familiares e amigos que estão geograficamente distantes. Embora tanto a Jenny como a Rebecca tenham reconhecido e apontado a presença da tecnologia em algum nível na maioria dos cenários propostos, podemos notar que esses foram os dois momentos em que ambas as entrevistadas trouxeram mais exemplos das suas próprias experiências enquanto imigrantes haitianas no Brasil.

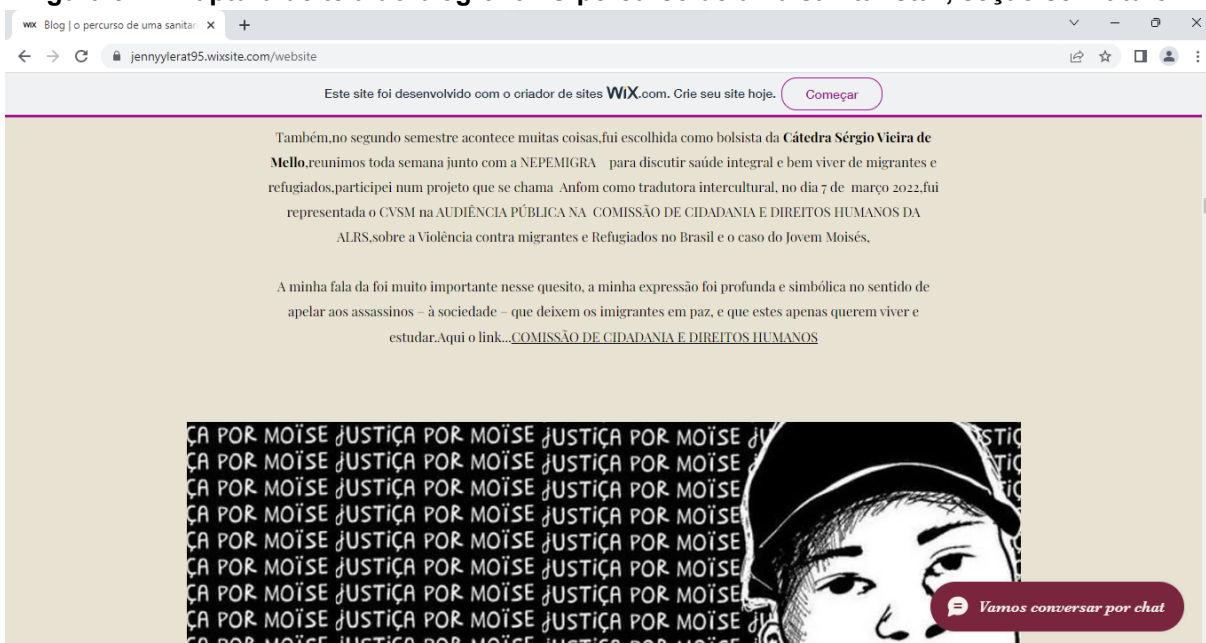
Com base nessa percepção, cabe refletir como o uso das TICs assume um caráter contracolonial quando utilizado por migrantes do Sul. Nesse sentido, o emprego da tecnologia, seja para a diminuição das barreiras linguísticas ou para a conexão com outras pessoas através das mídias sociais, permite ao imigrante veicular a sua própria narrativa sobre a sua jornada, fazendo-se ser ouvido em diferentes idiomas e colaborando com a desestabilização de estereótipos e práticas, muitas vezes racistas, que o afetam diretamente.

Assim, as próprias plataformas tecnológicas podem ser utilizadas como meio para circulação dessas narrativas, como é o caso do livro escrito pela Rebecca (2021) para ensino da língua portuguesa para migrantes que se encontra online, disponível gratuitamente para *download*. Ao versar sobre colonialismo e racismo, trata-se de uma aparição feita com legitimidade para encontrar o colonizador e confrontá-lo com o estabelecimento de uma narrativa própria sobre a experiência migratória (BERNARD, 2021).

Outro exemplo de aparição legítima de uma narrativa subalternizada através da mediação das TICs é o blog da Jenny, onde há uma seção dedicada à

participação dela como representante da CSVM na Audiência Pública da Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul voltada para a discussão da violência contra migrantes e refugiados no Brasil, o caso do jovem Moïse<sup>16</sup> e a necessidade de políticas públicas antirracistas e de acolhimento (YLERAT, 2023). Trata-se de uma audiência híbrida, transmitida e disponível via Youtube, na qual Jenny, junto com outros imigrantes negros de diversos países, comunica em português suas reflexões e seu pedido por justiça e respeito (COMISSÃO..., 2022).

**Figura 3 — Captura de tela do blogfólio “O percurso de uma sanitarista”, seção sem título<sup>17</sup>**

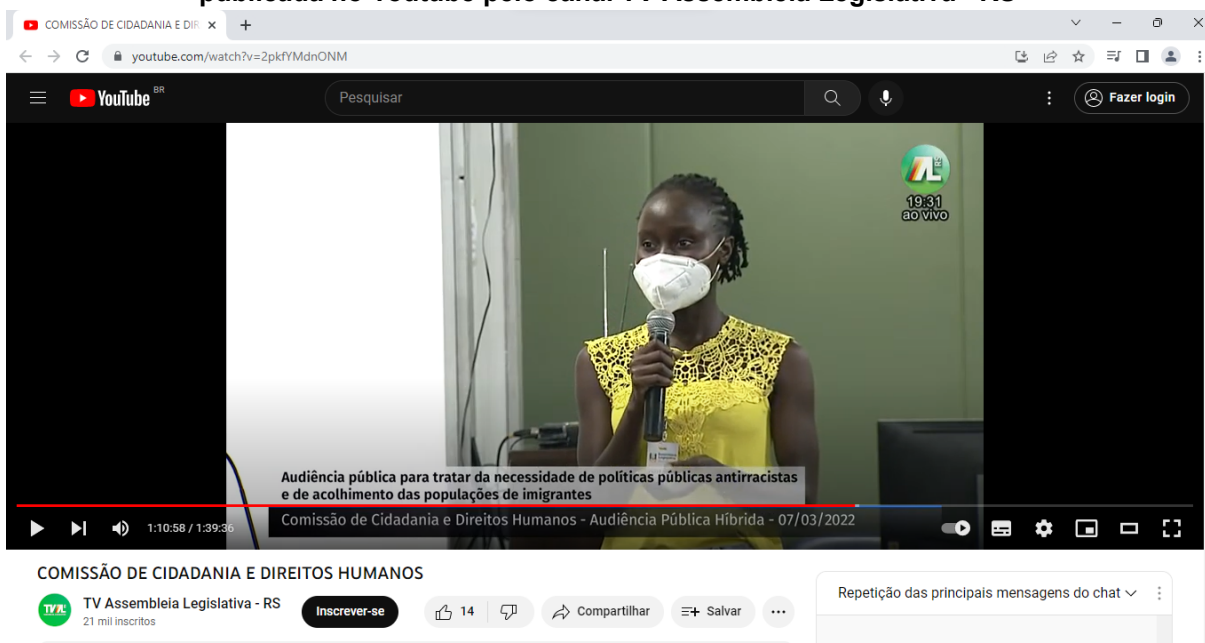


Fonte: YLERAT, 2023.

<sup>16</sup> O congolês Moïse Kabagambe chegou ao Brasil como refugiado político em 2014 e trabalhava em um quiosque em uma praia do Rio de Janeiro quando foi assassinado aos 24 anos após cobrar dois dias de salário atrasado (MOÏSE..., 2022).

<sup>17</sup> Transcrição do texto: “Também, no segundo semestre acontece muitas coisas, fui escolhida como bolsista da Cátedra Sérgio Vieira de Mello, reunimos toda semana junto com a NEPEMIGRA para discutir saúde integral e bem viver de migrantes e refugiados, participei num projeto que se chama Anfom como tradutora intercultural, no dia 7 de março 2022, fui representada o CVSM na AUDIÊNCIA PÚBLICA NA COMISSÃO DE CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS DA ALRS, sobre a Violência contra migrantes e Refugiados no Brasil e o caso do Jovem Moisés. A minha fala da foi muito importante nesse quesito, a minha expressão foi profunda e simbólica no sentido de apelar aos assassinos – à sociedade – que deixem os imigrantes em paz, e que estes apenas querem viver e estudar. Aqui o link...[COMISSÃO DE CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS](#).”

**Figura 4 — Captura de tela da transmissão “Comissão de Cidadania e Direitos Humanos”, publicada no Youtube pelo canal TV Assembleia Legislativa - RS**



Fonte: COMISSÃO..., 2022.

A possibilidade de migrantes circularem esse tipo de conteúdo na internet é uma forma de se utilizar de um instrumento do colonizador — ou seja, da tecnologia originalmente desenvolvida às custas da exploração colonial — para colocar-se presente e resistente às formas contemporâneas de violência e subalternização dos seus corpos e mentes, em um movimento contracolonial.

Outra forma de estabelecer um uso contracolonial da tecnologia no contexto migratório é a possibilidade de que, em diáspora, os vínculos afetivos e familiares se mantenham vivos, ainda que em outros formatos. Entendendo que o colonialismo incidiu violentamente sobre a família negra, desmembrando núcleos familiares e desarticulando laços de parentesco, em especial por conta da diáspora africana (CARVALHO, 2010), a utilização contracolonial da tecnologia diz respeito à promoção de vínculos e afetividade para famílias negras inseridas em processos migratórios, de forma que tais recursos possam ser acionados pelo migrante e seus familiares.

Por fim, retomando Sayad (2016), reconhecer a história e vínculos afetivos que o migrante carrega consigo e entender a vontade de manter tais ligações com o seu país de origem é trabalhar com uma análise mais ampla e completa do fenômeno migratório. Levar em consideração os relatos da Jenny e Rebecca que apontam a importância das TICs para o contato com familiares que se encontram

geograficamente distantes afasta nosso estudo de uma visão etnocêntrica sobre migração, que se atenta ao imigrante apenas no momento em que ele cruza a fronteira, sem se deter às particularidades, dores e desafios relacionados à emigração.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da observação do cenário migratório brasileiro no início do século XXI, bem como do entendimento de que a tecnologia está cada vez mais presente no cotidiano social, o presente trabalho buscou entender de que forma as TICs são utilizadas por migrantes haitianos em Porto Alegre e região metropolitana através de casos exemplares. Para tanto, realizou-se uma análise histórica e conjuntural dos fatores que colaboraram com o movimento de emigração do Haiti, bem como o que fez do Brasil um destino destes fluxos. Logo, voltamos nossa atenção para a compreensão de como o desenvolvimento de novas tecnologias se deu no decorrer da história e de como as TICs fazem parte do dia a dia das sociedades hoje, discutindo os conceitos de inclusão e exclusão digital e relacionando-os com o processo migratório. Em seguida, apresentamos as contribuições de Jenny Ylerat e Rebecca Bernard para essa discussão a partir do estudo de casos exemplares alcançados por meio de entrevistas semi-estruturadas.

Com base no entendimento exposto por Sayad (1998, 2016) de que a migração é um fato social total e de que a emigração e imigração são dois lados indissociáveis da mesma moeda, nos dedicamos inicialmente a explorar as características da emigração haitiana, a qual se constitui como um processo complexo, motivado por fatores históricos e conjunturais. Em termos históricos, é notável como o colonialismo impôs consequências severas aos territórios e corpos colonizados, definindo as bases das motivações sociopolíticas e econômicas dos fluxos migratórios oriundos de países subalternizados no decorrer da história (SAYAD, 1998; 2016). No caso haitiano, os efeitos coloniais somados aos embargos pós-independência, a dificuldade de estabilização política (BAPTISTE; VIEIRA, 2016) e desastres naturais (COTINGUIBA, 2014) são alguns dos fatores que formam a conjuntura propícia para os movimentos de emigração do Haiti.

Voltando nossa atenção para o lado da imigração, a escolha do Brasil como destino, seja permanente ou transitório, pode ser entendida como consequência do bom desempenho econômico brasileiro na primeira década do século XXI — principalmente quando comparado ao cenário das economias do Norte, bastante afetadas pela Crise de 2008 (MATTEI; MAGALHÃES, 2011) —, aliado às investidas



do Brasil em para alcançar uma posição de altivez no cenário internacional. Nesse contexto, a participação e liderança ativa do Brasil na Minustah serviu, ao mesmo tempo, como um instrumento para aplicação de estratégias imperialistas brasileiras e como uma forma de aproximar o Brasil e o idioma português do imaginário haitiano, o que também contribuiu com a inclusão do Brasil como destino do redirecionamento de fluxo de migração haitiano (BRAGA; FERREIRA, 2019; MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013; SEGUY, 2014).

Além disso, fazendo uma retomada histórica do processo de desenvolvimento tecnológico, entendemos que o colonialismo participou da formação das bases materiais das Revoluções Industriais devido a exploração de territórios e corpos colonizados, fornecendo o capital necessário para que tais avanços técnicos fossem possíveis (MORENO, 2008). Nesse sentido, cada Revolução Tecnológica traçou o caminho para que se tenha estabelecido o que se chama de Sociedade da Informação, na qual o potencial de penetrabilidade e difusão das TICs nas mais diversas áreas da sociedade (CASTELLS, 2000). De tal forma, faz-se necessário atentar-se aos conceitos de exclusão e inclusão digital, bem como seus diferentes níveis, especialmente quando tratamos de grupos que tiveram historicamente seus espaços geográficos e corpos explorados para que o avanço tecnológico acontecesse.

Ouvimos atentamente as contribuições de Jenny Ylerat e Rebecca Bernard, a partir das quais foi possível mapear quais os principais usos da tecnologia no contexto migratório haitiano em Porto Alegre e região. Com base nessa observação, a hipótese inicial — de que os principais usos das TICs estariam relacionados com o aprendizado do idioma e com a busca por informações sobre o acesso a serviços que fazem parte do cotidiano do migrante — foi parcialmente confirmada. Nesse sentido, de fato a instrumentalização das TICs para o aprendizado da língua portuguesa apareceu como um dos seus principais usos, em especial por conta da praticidade em pesquisar o significado e pronúncia de palavras desconhecidas e, assim, expandir o vocabulário e diminuir as barreiras linguísticas. Plataformas como o Google, Youtube e dicionários online foram citados como importantes ferramentas de busca, nas quais é possível acessar facilmente a informação necessária (YLERAT, 2022; BERNARD, 2022). A barreira linguística também foi colocada como um problema para o acesso a determinado serviço online, vista a dificuldade em navegar por portais colocados inteiramente em português (YLERAT, 2022).

No entanto, embora nossas interlocutoras tenham indicado que a tecnologia faz parte, sim, das buscas diárias por informações e acesso a serviços, outro ponto chamou a atenção durante as entrevistas dado os exemplos compartilhados: o papel da tecnologia na manutenção das relações com pessoas queridas que estão geograficamente dispersas, assim como o uso dela para a criação de novos vínculos aqui no Brasil (YLERAT, 2022; BERNARD, 2022). Podemos entender que a possibilidade de acionar ferramentas tecnológicas para amenizar sofrimento relacionado à saudade, fruto do movimento emigratório, e para diminuir a sensação de não-pertencimento a partir do estabelecimento de novas relações possui um papel importante no cotidiano das interlocutoras.

Com base no exposto, podemos perceber que a inclusão digital de migrantes possui um caráter essencialmente contracolonial, dado que ela significa a apropriação da tecnologia — ferramenta originalmente desenvolvida a partir da violência e exploração colonial — pelo migrante em prol da sua autonomia e bem-estar na sociedade de acolhida. Dessa forma, utilizar as TICs como instrumento para melhoria das suas capacidades de comunicação permite ao migrante acessar conteúdos, bem como veicular suas próprias narrativas acerca da sua vivência. Ademais, a possibilidade de manutenção e criação de novos vínculos afetivos em diáspora também são uma forma de aplicar o uso contracolonial das TICs, dado que o colonialismo atuou de maneira particular na distribuição e desmantelamento de unidades afetivas, principalmente com relação a famílias negras.

O objetivo principal deste trabalho era identificar os principais usos das TICs por migrantes haitianos através de casos exemplares situados em Porto Alegre e região metropolitana. Uma vez identificados, conforme exposto anteriormente, surge caminho para pesquisas adicionais futuras que explorem com mais profundidade tais usos e suas consequências, levando em consideração o protagonismo do migrante, sua agência e bem-estar. Além disso, também urge a necessidade de investigar com atenção as dificuldades encontradas por migrantes no acesso a serviços online por não entender o idioma ou não saber como navegar pelas plataformas.

## REFERÊNCIAS

- ABUJAROUR, Safa'a. **Digital Inclusion: The Role of Information and Communication Technology in Alleviating Social Disruptions**. Orientador: Dr. Hanna Krasnova; Dr. Jane Fedorowicz. 2020. 218f. Tese (Doutorado) – Doutorado em Ciências Econômicas e Sociais em Sistemas de Informação, Universidade de Potsdam, Potsdam, 2020.
- ANDRADE, Antonio Díaz; DOOLIN, Bill. Information and Communication Technology and the Social Inclusion of Refugees. **MIS Quarterly**, v. 40, n. 2, p. 405-416, jun. 2016.
- ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). Cátedra Sérgio Vieira de Mello. **ACNUR**, 2023a. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/catedra-sergio-vieira-de-mello/>. Acesso em: 04 mar. 2023.
- ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). Digital Inclusion. **ACNUR**, 2023b. Disponível em: <https://www.unhcr.org/innovation/digital-inclusion/>. Acesso em: 14 fev. 2023.
- APRESENTAÇÃO PÚBLICA DOS RESULTADOS DO PROJETO ANFÔM. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (1h52). Publicado pelo canal NEPEMIGRA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0L-KshsFdog>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- BAPTISTE, Chaneline Jean; VIEIRA, Joice Melo. Catástrofe Ambiental e Migração Internacional: A perspectiva dos imigrantes haitianos na cidade de São Paulo. *In*: BAENINGER, Rosana *et al.* (orgs). **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BERNARD, Rebecca. Entrevista com Rebecca Bernard. [dez. 2022]. Entrevistadora: Ana Paula de Melo Pelegrinotti. Porto Alegre, 2022. 2 arquivos .mp4. (27 min. e 33 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.
- BERNARD, Rebecca. **Yon rale: uma conversa entre haitianos no Brasil**. Porto Alegre: Editora Fi, 2021. Disponível em: <https://www.editorafi.com/196yonrale>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- BÓGUS, Lucia Maria M; FABIANO, Maria Lucia Alves. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. **Ponto e Vírgula**, São Paulo, n. 18, p. 126-145, 2015. Disponível em: <https://olma.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Brasil-e-as-Migracoes-recentes-perspectivas-e-desafios.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2023.

BORBELY, James Marschall. U.S. labor market in 2008: economy in recession. **Monthly Labor Review**, online, n. 3, p. 3-17, mar., 2009. Disponível em: <https://www.bls.gov/opub/mlr/2009/03/art1full.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2022.

BOURDIEU, Pierre. Prefácio. *In*: SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. p. 09-12.

BOURDIEU, Pierre. Prefácio. *In*: SAYAD, Abdelmalek. **La double Absence: Des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré**. Paris: Le Seuil, 2016.

BOURDIEU, Pierre; SAYAD, Abdelmalek. A dominação colonial e o sabir cultural. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 26, p. 41-60, jun, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/8ksprNHTJW7xzy9spn7SX4w/?format=pdf>. Acesso em: 12 nov. 2022.

BRAGA, Carlos Chagas Vianna; FERREIRA, Adler Cardoso. **13 anos do Brasil na MINUSTAH: lições aprendidas e novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo, 2019.

CÂMARA, Heloisa Fernandes; CHUEIRI, Vera Karam de. Direitos Humanos em movimento: migração, refúgio, saudade e hospitalidade. **Direito, Estado e Sociedade**, Curitiba, n. 36, p. 158-177, jan-jun, 2010. Disponível em: [http://direitostadosociedade.jur.puc-rio.br/media/7chueiri\\_camara36.pdf](http://direitostadosociedade.jur.puc-rio.br/media/7chueiri_camara36.pdf). Acesso em: 12 nov. 2022.

CARVALHO, Flávia Maria de. Diáspora africana: travessia atlântica e identidades recriadas nos espaços coloniais. **MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES**, v. 11, n. 27, p. 14-24, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTRO, Beatriz Leite Gustmann; BERNARTT, Maria de Lourdes; GODOY, Cristiane Maria Toneo. A tecnologia de informação e comunicação como mecanismo para a migração: um estudo sobre os haitianos no Brasil. **Desenvolvimento Regional em Debate**, Concórdia, v. 7, n. 2, p. 158-172, 2017.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; MACEDO, Marília. **Imigração e Refúgio no Brasil**. Relatório Anual 2019. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>. Acesso em: 18 nov. 2022.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; SILVA, Bianca. **Relatório Anual 2021 - 2011-2020: uma década de desafios para a imigração e refúgio no Brasil**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021. Disponível em:

[https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra\\_2020/Relat%C3%B3rio\\_Anual/Relato%CC%81rio\\_Anual\\_-\\_Completo.pdf](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/Relat%C3%B3rio_Anual/Relato%CC%81rio_Anual_-_Completo.pdf). Acesso em: 18 nov. 2022.

CHARLOTIN, Sanel; LOUIS, Fouchard. Direitos Humanos: uma crítica sobre a sentença 168/13 do Tribunal Constitucional Dominicano. *In*: 11 Seminário Nacional Sociologia & Política. 11., 2020, Curitiba. **Anais XI Seminário Nacional Sociologia & Política**. Curitiba: Even3, 2020. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/11snsp/237433-direitos-humanos--uma-critica-sobre-a-sentenca-16813-do-tribunal-constitucional-dominicano/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

COMISSÃO DE CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS. Porto Alegre, 2022. 1 vídeo (1h39min). Publicado pelo canal TV Assembleia Legislativa - RS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2pkfYMdnONM>. Acesso em: 08 mar. 2023.

COSTA, Thaís Bernardes. A influência da ferramenta digital “Google Tradutor” no processo de aprendizagem de língua inglesa. **Domínios de Linguagem**, v. 6, n. 2, p. 72-93, 2013.

COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Imigração haitiana para o Brasil**: a relação entre trabalho e processos migratórios. Orientador: Valdir Aparecido de Souza. 2014. 154 f. Dissertação (Mestrado em História e Estudo Culturais) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2014. Disponível em: [https://www.migrante.org.br/wp-content/uploads/2014/10/dissertacao\\_geraldo\\_castro\\_2014.pdf](https://www.migrante.org.br/wp-content/uploads/2014/10/dissertacao_geraldo_castro_2014.pdf). Acesso em: 13 nov. 2022.

CUNHA, José Marcos Pinto da. Migração e urbanização no Brasil: alguns desafios metodológicos para análise. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 4, p. 3-20, out./dez., 2005.

ESPINOZA, Marcia Vera. Lessons from Refugees: Research Ethics in the Context of Resettlement in South America. **Migration and Society: Advances in Research**, v. 3, p. 247-253, 2020.

FERNANDES, Duval; FARIA, Andressa Virgínia de. O visto humanitário como resposta ao pedido de refúgio dos haitianos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Belo Horizonte, v. 34, n. 1, p. 145-161, jan-abr., 2017. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/1055>. Acesso em: 18 nov. 2022.

FIGUEIREDO, Carlos Vinicius da Silva. Estudos Subalternos: Uma Introdução. **Ruídos**, Dourados, v. 4, n. 7, p. 83-92, jan./jun., 2010.

GALEANO, Eduardo. **El libro de los abrazos**. Uruguai: Siglo XXI Editores, 1989.

GIDON, Philippe Hubert. O impacto das migrações nas relações internacionais no século XXI. *In*: SANTOS, Maria Luiza; ANUNCIACÃO, Clodoaldo Silva da; CAVALCANTI, Vanessa (orgs). **Migrações e identidades**: várias óticas e perspectivas. Ilhéus: EDITUS, 2017. p. 143-158.

GRONDIN, Marcelo. **Haiti**: cultura, poder e desenvolvimento. Coleção tudo é história, n. 104. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

IIZUKA, Edson Sadao. **Um estudo exploratório sobre a exclusão digital e as organizações sem fins lucrativos de São Paulo**. Orientador: Prof. Dr. Peter Kevin Spink. 2003. 163 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública e Governo) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2003.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS (IPEA). Ministério da Justiça, Secretaria de Assuntos Legislativos. **Migrantes, apátridas e refugiados: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil**. Brasília. Série Pensando o Direito, n. 57, 2015. Disponível em: [http://pensando.mj.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/PoD\\_57\\_Liliana\\_web3.pdf](http://pensando.mj.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/PoD_57_Liliana_web3.pdf) . Acesso em: 20 nov. 2022.

IQBAL, Badar Alam; YADAV, Arti. Fourth Industrial Revolution: Its Role and Contribution in Employment Generation and Skills Development. **Journal of Global Economy, Trade and International Business**, Pretoria, v. 1, n. 1, p. 85-96, 2021.

JUBILEU BRASIL. **Haiti: Soberania e Dignidade**. Missão Internacional de Investigação e Solidariedade com o Haiti. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

KOBAYASHI, Andrey. Coloring the field: Gender, “Race”, and the Politics of Fieldwork. **Professional Geographer**, v. 46, n.1, p. 80-89, fev., 1994.

LIMA, Tatiana. **Movimentos Sociais no Ciberespaço: Estudo da Marcha da Liberdade**. Orientador: Prof. Dr. Juarez Xavier. 2011. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação em Mídia, Informação e Cultura. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LÜTHI, Barbara. Migration and Migration History. **Docupedia-Zeitgeschichte: Begriffe, Methoden und Debatten der zeithistorischen Forschung**, Potsdam, v. 6, n. 5, p. 1-16, 2010. Disponível em: [https://docupedia.de/images/a/a3/Migration\\_and\\_Migration\\_History.pdf](https://docupedia.de/images/a/a3/Migration_and_Migration_History.pdf). Acesso em: 12 nov. 2022.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. Migração da Dependência: considerações teóricas e metodológicas sobre a imigração haitiana no Brasil. *In*: BAENINGER, Rosana *et al.* (orgs). **Migrações Sul-Sul**. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”, 2018. p. 368-382.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. Remessas e migrações internacionais: elementos teóricos. *In*: BAENINGER, Rosana (org.). **Migração Internacional**. Campinas: Núcleo de Estudos de População, 2013. p. 35-63.

MARQUES, Pâmela Marconatto. **“Nou led, nou la!” Estamos feios, mas estamos aqui!**: Assombros haitianos à retórica colonial sobre pobreza. Orientador: José Carlos Gomes dos Anjos. 2017. 232 f. Tese (Doutorado) -- Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/181461/001075059.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 nov. 2022.

MARX, Karl. **O capital**: Crítica da Economia Política - Livro I. São Paulo: Boitempo, 2011.

MATTEI, Lauro; MAGALHÃE, Luís Felipe. Economia durante o governo Lula (2003-2010): cenários, resultados e perspectivas. *In*: PAULA, Marilene De (org.). **“Nunca antes na história desse país”...? Um balanço das políticas do governo Lula**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2011. p. 134-151.

MOÏSE Kabagambe: O que se sabe sobre a morte do congolês no Rio. **G1**, Rio de Janeiro, 31 jan, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/01/31/moise-kabamgabe-o-que-se-sabe-sobre-a-morte-do-congoles-no-rio.ghtml>. Acesso em: 08 mar. 2023.

MORAES, Isaias Albertin de; ANDRADE, Carlos Alberto Alencar de; MATTOS, Beatriz Rodrigues Bessa. A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios. **Conjuntura Austral**, v. 4, n. 20, p. 95-114, out.-nov., 2013. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/35798/27329>. Acesso em: 06 mar. 2023.

MORENO, Álvaro Albán. El origen colonial de las diferencias del desarrollo entre países: el neoinstitucionalismo e hispanoamérica. **Revista de Economía Institucional**, v. 10, n. 19, p. 235-264, 2008.

MUÑOZ, Jonatan Castaño; COLUCCI, Elizabeth; SMIDT, Hanne. Free Digital Learning for Inclusion of Migrants and Refugees in Europe: A Qualitative Analysis of Three Types of Learning Purposes. **International Review of Research in Open and Distributed Learning**, v. 19, n. 2, p. 1-22, abr., 2018.

MUSTVAIRO, Bruce; RAGNEDDA, Massimo. Digital Inclusion: Empowering People Through Information and Communication Technologies (ICTs). *In*: MUSTVAIRO, Bruce; RAGNEDDA, Massimo (eds.) **Digital Inclusion. An International Comparative Analyses**. London: Lexington Book, 2018. p. 7-20.

NETO, Bruno Carlos Muller. **“Onde bate um tambor e tiver um haitiano...” — Religiosos do Sul do mundo**: desafios e perspectivas sobre o acolhimento de migrantes em situação de vulnerabilidade. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Pâmela Marconatto Marques. 2021. 144 f. TCC (Graduação) - Relações Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Revoluções Tecnológicas e Transformações Subjetivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 18, n. 2, p. 193-202, mai./ago., 2002.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). Site Institucional. Disponível em: <https://www.iom.int/promoting-digital-inclusion-migrants>. Acesso em: 14 fev. 2023.

PINHEIRO, Natália Pereira; SOUZA, Luiz Eduardo Simões de. A CEPAL como escola de pensamento autônomo: considerações preliminares sobre a tese centro-periferia. *In: XII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA & 13ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DE EMPRESAS*, 12 e 13., 2017, Niterói. **Artigo** [...] Niterói: Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, 2017. p. 1-18.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos da globalização. *In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org). A Globalização e as Ciências Sociais*. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. La double Absence. **Des illusions de l'émigré aux souffrances de l'immigré**. Paris: Le Seuil, 2016.

SCHILLER, Nina Glick; FOURON, Georges. Terrains of blood and nation: Haitian transnational social fields. **Ethnic and Racial Studies**, v. 22, n. 2, p. 340-366, mar., 1999.

SCHWAB, Klaus. **The Fourth Industrial Revolution**. Genebra: World Economic Forum, 2016.

SEGUY, Franck. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti**. Orientador: Ricardo Luiz Coltro Antunes. 2014. 399 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/932684?i=8>. Acesso em: 17 nov. 2022.

SEITENFUS, Ricardo. **Haiti dilemas e fracassos internacionais**. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

SHAH, Sayyed Fawad Ali; HESS, Julia Meredith; GOODKIND, Jessica R. Family Separation and the Impact of Digital Technology on the Mental Health of Refugee Families in the United States: Qualitative Study. **J Med Internet Res**. v. 21. n. 9. online, set., 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6751097/>. Acesso em: 03 mar. 2023.

SILVA, Blenda Gonçalves da. **ICTs: Whose Invisible Hero? Bridging the Digital Divide for Sustainable Development**. Orientador: Prof. Dr. Thiago Gehre Galvão. 2020. 34 f. Artigo para obtenção de especialização – Especialização em Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the Subaltern Speak?. *In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence. Marxism and the Interpretation of Culture*. Basingstoke: Macmillan. 1988. p. 271-313.

RATHEESWARI, K. Information Communication Technology in Education. **Journal of Applied and Advanced Research**, Tamil Nadu, v. 3, p. 45-47, 2018.



TROUILLOT, Michael-Rolph. **Silencing the Past**: Power and the Production of History. Boston: Beacon Press, 1995.

UFRGS. Ingresso de Refugiados. **UFRGS**, 2023a. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/prograd/prograd/estude-na-ufrgs/formas-de-ingresso/ingresso-d-e-refugiados/>. Acesso em: 04 mar. 2023.

UFRGS. GAIRE: Grupo de Assessoria a Migrantes e Refugiados. **UFRGS**, 2023b. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/gaire/>. Acesso em: 04 mar. 2023.

WÄHLISCH, Matthias. Modeling the Network Topology. *In*: WEHRLE, Klaus; GÜNES, Mesut; GROSS, James (eds.). **Modeling and tools for Network Simulation**. Heidelberg: Springer, 2010. p. 471-486.

YLERAT, Jenny. **Entrevista com Jenny Ylerat**. [dez. 2022]. Entrevistadora: Ana Paula de Melo Pelegrinotti. Porto Alegre, 2022. 1 arquivo .mp4. (23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

YLERAT, Jenny. O percurso de uma sanitarista. 2023. Disponível em: <https://jennyylerat95.wixsite.com/website>. Acesso em: 06 mar. 2023.

## APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM JENNY YLERAT

**[Ana Paula]** Perfeito, então a gravação começou agora, nossa conversa já está sendo gravada. Para começar, o meu nome é Ana Paula, eu tenho 22 anos, nasci e fui criada no interior do Rio Grande do Sul, em uma cidade chamada Canguçu, já morei em Pelotas um tempo também e vim para Porto Alegre em 2018 para fazer a faculdade, então desde 2018 eu moro aqui. Hoje eu curso Relações Internacionais na UFRGS, durante toda a graduação eu acabei me envolvendo mais em projetos de extensão, em especial alguns que nós temos voltados para Ensino Médio de Porto Alegre e região. E eu também sempre gostei muito da temática de migração, ali na UFRGS a gente tem alguns grupos de pesquisa né que trabalham com isso... Eu nunca tinha trabalhado com essa temática, mas sempre admirei de longe assim, sempre tive esse interesse em um dia desenvolver alguma pesquisa nessa área. Hoje eu trabalho também na área de TI, trabalho com tecnologia, então vem um pouco daí a minha vontade de unir esses dois assuntos né... E junto com a Prof<sup>a</sup>. Pâmela a gente vem desenvolvendo esse projeto de pesquisa que visa justamente entender como as Tecnologias de Informação e Comunicação, então toda a parte de... todo esse conjunto de ferramentas tecnológicas que facilitam a informação e a comunicação, então toda a parte de computador, celular, de redes, o próprio acesso à internet, enfim, todos esses instrumentos... como eles são utilizados dentro de um contexto migratório, como eles podem facilitar ou até mesmo dificultar os processos de integração numa sociedade acolhedora. Então a gente vai partir de experiências singulares, experiências únicas, para entender um pouco melhor essa utilização. Eu tenho algumas perguntas para ti, eu peço assim que você fique bem à vontade para responder, você também pode ficar bem à vontade para me corrigir, caso você não entenda qualquer questão também pode me perguntar, a ideia é que seja uma troca, tá? Bem tranquilo assim. Tu tem alguma dúvida inicial ou algo nesse sentido?

**[Jenny Ylerat]** Por enquanto, não.

**[AP]** Ok, perfeito. Eu to com duas telas aqui, então se eu ficar olhando pro lado é só porque eu to vendo aqui as minhas anotações, tá? Bom, para começar então eu gostaria de pedir que você se apresentasse né... A maior parte das pessoas que vão ter acesso a esse conteúdo vai ser o pessoal das RI, então talvez muitas pessoas não te conheçam. Então eu queria que você compartilhasse um pouco da sua experiência, aquilo que você considere que seja interessante compartilhar nesse momento, por favor.

**[JY]** Então, meu nome é Jenny Ylerat, sou haitiana, eu estou aqui no Brasil desde cinco anos, eu falo francês, crioulo e português. Eu estou cursando Saúde Coletiva na UFRGS, estou no sexto semestre... E eu moro aqui com a minha irmã, estou fazendo estágio na prefeitura de Sapucaia do Sul, sou bolsista da Cátedra com a Pâmela e sou monitora também do meu curso, de uma disciplina. Sou membro ativo do GAIRE. Eu já participei em vários projetos, várias extensões como mediadora intercultural, já traduzi vários artigos, panfletos de português para crioulo. E... é tipo isso né, sobre mim assim...

**[AP]** Está ótimo, perfeito, muito obrigada por compartilhar todos esses detalhes, Jenny. Então para começar as nossas perguntas, agora a gente vai passar para uma parte onde eu queria entender um pouco melhor qual é a tua relação com as TICs né, com as Tecnologias de Informação e Comunicação, e como elas foram utilizadas por ti em algumas áreas assim... Eu vejo que você tem um ótimo domínio do português né, toda a nossa conversa está sendo conduzida já nesse idioma... Então eu queria começar justamente por aí né, as TICs fizeram parte desse teu processo de aprendizado do idioma? Existe algum recurso que você utilize talvez online ou algo nesse sentido para o desenvolvimento do aprendizado do idioma português? ... Acho que você está mutada, Jenny, eu não te ouço...

**[JY]** Desculpa...

**[AP]** Agora sim... sem problemas.

**[JY]** O TIC é a tecnologia que tu falou, né?

**[AP]** Isso, a Tecnologia de Informação e Comunicação, então toda essa parte de recursos de tecnologia mesmo né, computador, internet, algumas aplicações talvez que você utilize, o próprio celular né... Todos esses recursos que facilitam a transferência de informação e a comunicação entre as pessoas também.

**[JY]** Hoje em dia a tecnologia é a coisa que mais utiliza né, sobretudo eu que moro em um país longe dos meus pais... É tipo o nosso meio de comunicação é a tecnologia mesmo né? Quando cheguei aqui eu não tinha um lugar para pegar o português, então eu tinha que pesquisar no Youtube, procurar alguns professores que estavam dando cursos para poder ter um básico assim. E eu utilizei vários aplicativos também, tem um português... tem um dicionário de português para francês, tem o Duolingo também que ajuda na língua também. Eu usei esses aplicativos e depois eu consegui ir num projeto que estava bem perto da minha casa para poder aprofundar a língua né, mas o esforço... o esforço que eu fiz é tipo ampliar mesmo com a tecnologia. Às vezes eu não entendo uma palavra, eu tinha que procurar no Google, no Youtube, para entender essa palavra. Então posso dizer que é um ponto bem forte a questão da tecnologia em si na aprendizagem de uma língua a outra.

**[AP]** Perfeito. Eu vejo também que você comentou que hoje você estagia, também faz faculdade na UFRGS. Eu queria entender também como você utilizou esses recursos para buscar informação para acesso a trabalho, a estágio, a educação também no teu caso como estudante. Queria entender um pouquinho como foi esse teu processo, por favor.

**[JY]** Olha... Para fazer estágio, antes de entrar tu tem um processo longo para fazer e todas essas questões estão sendo feitas online. Eu tinha coisa para assinar, eles tem uma plataforma mesmo para preencher essas coisas tudo online né. Mesmo que eles tinham a plataforma que eu não tinha como mexer, aí eu tinha que usar o e-mail fazer tudo esses processos no e-mail mesmo, mandar e-mail para eles conseguir fazer para mim porque eu não cheguei a usar. Não sei o que dizer mesmo porque a questão de tecnologia hoje em dia é uma coisa bem frequente, sobretudo

depois da pandemia, todas as coisas são feitas online e por WhatsApp, por e-mail sobretudo, coisas que eu uso todo dia.

**[AP]** Você comentou que para acesso ao estágio foi utilizada uma plataforma que você não tinha acesso, é isso?

**[JY]** Na verdade, não é acesso, o que eu não tinha é como mexer, não sabia como mexer na plataforma.

**[AP]** Ah, sim. E aí teve essa solução alternativa então de usar o e-mail, foi isso?

**[JY]** Sim, mandei mensagem por e-mail para eles, então eles colocaram para mim todos os documentos que eu tinha que colocar na plataforma.

**[AP]** Legal, entendi. E além assim de educação e estágio, onde você costuma buscar informações para acesso a outros serviços, por exemplo como acesso à saúde... você estuda e trabalha também nessa área da saúde né? Então como que funciona para buscar esse tipo de informação de acesso a outros serviços como saúde, assistência social, enfim... Você utiliza muito das TICs nesse sentido também?

**[JY]** No sentido de buscar artigos sobre meu curso, sobre a minha área sobretudo, eu uso o Scielo, o Dex, alguns aplicativos online para procurar. Mas na questão de fazer o cartão SUS, fazer alguns documentos eu não cheguei a usar algum aplicativo para isso...

**[AP]** Foi um processo mais presencial assim?

**[JY]** Isso, mas eu uso sempre o Google para buscar mais informações, sobretudo a UFRGS... Eu cheguei a saber da UFRGS no Google assim, estava procurando uma universidade federal, aí procurei no Google para saber mais sobre a Universidade, sabe?

**[AP]** E foi a partir daí que você buscou mais informações sobre como ingressar na UFRGS também?

**[JY]** Isso, depois eu cheguei a ter amigos que sabiam mais sobre, aí ampliou as informações que eu já tinha procurando no Google assim.

**[AP]** Entendi, legal. E você até mesmo comentou sobre a questão ali de documentação né? De Cartão SUS... A gente sabe que essa parte de documentação é muito importante quando se chega em um novo país né, a gente precisa ter acesso a alguns documentos. E eu queria ver contigo como foi esse processo de acesso a documentação, se ele já tava um processo digitalizado, se tu teve que ir muito atrás pessoalmente em algumas instituições. Como foi esse processo de documentação para você?

**[JY]** Quando eu cheguei aqui, eu tinha que fazer o... a identidade né? Na polícia federal. Então não tinha essa questão de agendar que tem hoje em dia né? Hoje em dia tem essa questão de agendar na polícia federal que é muito difícil. Eles tem uma

plataforma para fazer esse agendamento e sempre está ocupado...como eu posso dizer? Não é fácil conseguir ir e agendar. Mas quando eu tinha que fazer essa identidade a primeira vez, não tinha essas coisas para mexer na tecnologia assim, era ir lá mesmo e eles te deram um agendamento e tu veio trazer os documentos. Mas para renovar eu tinha que fazer tudo essas questões de mexer na plataforma deles para pegar um agendamento, para preencher alguns formulários também para trazer para eles no dia do agendamento. Está sendo um pouco mais difícil porque nem todos conseguem mexer nas plataformas que eles deram, acessar assim.

**[AP]** Então a digitalização nesse caso mais dificultou do que ajudou na tua visão, é isso?

**[JY]** Sim, sim, mais dificultou. Porque tem gente também que tem que pagar para pegar o agendamento. Então ficam lá cuidando a plataforma de dia e à noite para poder pegar para essas pessoas, e cobrando as pessoas para fazer isso, sabe? Nesse sentido, sim.

**[AP]** Entendi... E essa dificuldade em mexer com a plataforma é mais por uma questão de como mexer na plataforma em si, de não conseguir entender como a plataforma funciona, onde tem que ir ali dentro, ou ela é mais uma questão de que às vezes a pessoa não tem acesso a internet, ou a um computador, um celular, para poder acessar essa plataforma?

**[JY]** Na verdade, é mais como mexer mesmo na plataforma. Essa questão de internet e telefone, todo mundo tem hoje em dia os dois, sabe? Então é mais como mexer e também sobre a língua, porque é tudo em português. Uma colega falou que o site é sempre ocupado, não tem como passar mesmo, sabe? Então é mais essa questão de entender o que fazer, porque tem gente que não fala a língua, então entender o propósito e como mexer na plataforma mesmo. E tem uns que até conseguem ajuda, mas por causa de que a plataforma está sempre ocupada, sempre lento, está caindo toda vez, então dificultou esse processo.

**[AP]** Aham, entendi... É, bem interessante. E agora uma penúltima parte assim, para além dessa parte de acesso a recursos, acesso a serviços, a documentação, a gente sabe que a tecnologia participa muito das nossas relações né? De estabelecer relações, as próprias redes sociais hoje são muito difundidas...

**[JY]** Sim...

**[AP]** E eu queria ver contigo como foi essa parte da utilização da tecnologia para estabelecer relações aqui no Brasil? Tanto de relações aqui no Brasil com pessoas daqui, como também com as pessoas que você conheceu no Haiti e que ficaram ou estão em outros lugares. Como que você utiliza a tecnologia para estabelecer novas amizades, novas relações? Elas tiveram um papel importante nesse sentido?

**[JY]** Ah, sim... Como é tudo WhatsApp né? E para falar com a minha família lá é o WhatsApp, é uma chamada de vídeo que nos ajuda... E mesmo para eles é um pouco complicado, fica caindo toda vez, eu posso dizer que não tem uma estrutura que nem tem aqui para poder ter um internet boa. Tu pode estar começando a falar e daí eles tem problema de internet estar caindo... Mas é com ajuda do WhatsApp

que a gente poderia todo dia, mesmo que seja um pouco ruim de fazer a chamada de vídeo com eles, mas a gente consegue mandar áudio, falar todo dia.

**[AP]** Ah, legal... E você faz essa utilização também para fazer novos amigos aqui no Brasil, para conhecer novas pessoas... Ela também funciona nesse sentido? Para além de manter as relações que tu já tinha, também de fazer novas?

**[JY]** Ah, sim... Sobretudo o Instagram né? Antes eu não tinha Instagram, mas quando eu cheguei aqui todo mundo estava me perguntando “*tu tem Instagram?*”. Eles não perguntam se tu tem Whats, eles falam “*tu tem Instagram?*”... Aí eu tive que criar uma conta de Instagram e assim eu já tenho bastante amigos no Instagram. Ajuda muito fazer isso. O TikTok também, as pessoas às vezes estão te seguindo e acaba sendo uma amizade mesmo, que tu conhece...

**[AP]** Já faz um novo conhecido, né?

**[JY]** Isso...

**[AP]** E eu sei também que tu tem um blog, né? Um blogfólio onde você compartilha algumas experiências, algumas postagens...

**[JY]** Como tu soube? (risos) Como tu sabe?

**[AP]** Fez parte da pesquisa, a gente foi buscar algumas informações de quem a gente ia entrevistar e a Prof<sup>a</sup>. Pâmela indicou também que você tinha esse blog, e eu acabei encontrando ele e li algumas postagens também...

**[JY]** Olha só...

**[AP]** Achei bem legal, achei bem interessante. E eu queria aproveitar também e ver também como surgiu essa ideia de compartilhar as tuas experiências, teus pensamentos na internet, num fórum aberto. Como surgiu essa ideia? Qual é o intuito ali?

**[JY]** Na verdade foi uma tarefa para fazer numa disciplina que eu estou fazendo... Então eles pediram de fazer um blog para ter as experiências dos alunos assim. Então foi uma tarefa, mas eu decidi continuar, porque tem disciplina que eles só pediram para fazer isso, sabe? Mas eu decidi continuar meu blog, continuar compartilhando com as pessoas e registrar esse percurso, sabe? Foi assim.

**[AP]** Eu vi ali que tu trata de vários assuntos, né? Desde temas de migração e também temas relacionados mais a tua faculdade... Então a ideia é essa mesmo, de um ambiente onde tu pode mostrar várias nuances ali?

**[JY]** Sim, a ideia é essa mesmo.

**[AP]** Ah, legal... Essas eram as perguntas que eu tinha programado para gente hoje. Eu queria te agradecer imensamente pela tua disponibilidade e por participar conosco. Depois, se você quiser ter acesso a todo o conteúdo que a gente tratou

aqui, ele vai ficar disponibilizado, a gente pode se manter em contato também... E é isso, não sei se tu tem alguma dúvida final ou algo que tu queria comentar?

**[JY]** Não tenho.

**[AP]** Então tá ótimo... Muito obrigada mais uma vez e tenha um ótimo dia!

**[JY]** Obrigada e bom trabalho!

**[AP]** Tchau tchau!

**[JY]** Tchau!

## APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM REBECCA BERNARD

**[Ana Paula]** Boa noite, Rebecca! Me apresentando então meu nome é Ana Paula, eu tenho 22 anos, nasci e fui criada aqui no Brasil, no interior do Rio Grande do Sul, em uma cidade que se chama Canguçu, já morei em Pelotas uma época também para estudar, e vim para Porto Alegre em 2018 por causa da graduação, hoje eu curso Relações Internacionais na UFRGS, já to me encaminhando pro final do curso. Durante toda a graduação eu me envolvi mais em projetos de extensão, trabalhei em algumas iniciativas que nós temos ali para alunos do ensino médio. Nunca trabalhei com migração, é um tópico novo para mim, foi um tema que eu sempre gostei muito de acompanhar, sempre me interessei... E hoje eu trabalho também com TI, com tecnologia de informação, então acho que vem um pouquinho daí a vontade de juntar os dois assuntos. Então junto com a Profª. Pâmela a gente vem desenvolvendo esse projeto de pesquisa, que vai culminar depois no meu trabalho de conclusão de curso, que visa entender como as TICs, que são as tecnologias de informação e comunicação, como elas podem ser usadas em um contexto migratório. Então eu vou te fazer algumas perguntas, mas a ideia é que seja uma conversa assim, então fica muito à vontade para me interromper a qualquer momento se tu tiver alguma dúvida, quiser fazer algum comentário. Você tem alguma pergunta inicial?

**[Rebecca Bernard]** Não.

**[AP]** Então está bem, para gente começar eu queria que você se apresentasse... a maioria do pessoal que vai ter acesso a esse trabalho depois vai ser o pessoal das RI, não sei se todo mundo já te conhece, então gostaria que você se apresentasse inicialmente.

**[RB]** O que você gostaria de saber? A minha chegada? O tempo que eu tenho? O que eu estou fazendo?

**[AP]** Isso...

**[RB]** Então eu sou a Rebecca Bernard, haitiana. Na verdade imigrante haitiana. Entrei no Brasil em janeiro de 2013, passei um mês trabalhando em Venâncio Aires e depois entrei... Entrei em Porto Alegre, desde então estou morando aqui em Porto Alegre. Morei em várias cidades e bairros, desde então estou morando aqui no sul na verdade. Mas trabalhei em vários restaurantes, depois trabalhei como cuidadora. Eu dava aula de francês para algumas alunas que estudavam naquela época... acho que era 2015 até 2019... Essas estudantes estudavam na UFRGS e outras pessoas né... As mães ou os parentes ou duas estudantes que gostavam da língua francesa, eu dava aula particular... aula de francês. E que mais? Quando que eu tava... Eu fiz um curso... vários cursinhos no SENAC e depois eu fui procurar trabalho. Não conseguia encontrar um trabalho que me encaixava... eu encontrava camareira, mas que era trabalho pesado, até o trabalho que eu trabalhei na cozinha porque eu tinha tendinite... Graças a Deus eu estou liberta dessa doença, mas até agora não consigo levantar peso assim com as mãos... é difícil para mim. De qualquer jeito eu precisava trabalhar e não conseguia exercer minha profissão, eu só dava aula



quando me postulei em várias escolinhas, não me aceitavam né porque sou estrangeira, eu tenho um sotaque diferente... os alunos, os pequenos, não conseguiriam entender a minha fala. E aí por razão de preconceito também né? E aí procurando trabalho, procurando né, não achava nunca... Até uma das alunas me aconselhava de ir lá na FACED para pedir informação sobre como eu poderia revalidar o meu diploma para poder encontrar um trabalho nas creches. Mas depois de tanta procura eu decidi ir na FACED. Um dia enquanto que eu tava me dirigindo a uma Caixa Econômica Federal, eu lembrei imediatamente da fala das moças da minha igreja e eu decidi ir a pé até a FACED. Chegando lá eu encontrei a secretaria e quem mais? E me contaram tanta coisa assim, conversamos... Eu falei sobre o meu desejo de voltar para trabalhar na minha área, mas eu precisava me aprofundar mais no português. Eu passei um bom tempo trabalhando, aprendendo, eu estava aprendendo a língua, mas era muito difícil para mim, tinha receio de falar. Eu gostava de mandar bilhetes assim, mas ficar em frente a alguém para conversar mesmo... Eu fazia algumas coisas na igreja, mas eu tinha vergonha. E eles me falaram que eu posso... “Rebecca, tu podes fazer! Vai sair um edital, tu podes trazer o seu documentos, a gente vai te inscrever e daí tu vai entrar no PEC...” Mas tava muito difícil para mim entender a linguagem acadêmica. Eu estudava né, eu lia muito, eu gostava de cantar, que é uma outra forma de ajudar o estrangeiro, o imigrante a falar outro idioma... E eu consegui entender muitas coisas vendo a escrita. É assim. Lia bastante, não conseguia entender quando lia... Porque os livros eu achava um pouquinho fora do meu contexto né? de vida... mas consegui né, no meu ritmo, conseguia entender algumas coisas. E depois encontrei com a Prof<sup>a</sup>. Pâmela em uma disciplina que ela que era a professora e junto com a professora Maria Helena eu acho que era. E desde então ficamos ligadas, ela me aconselhava né? Para ir fazer uma prova no mestrado da sociologia. Antes eu tentava na FACED, eu fiquei na reserva, mesmo assim eu caí na prova oral por causa do meu diploma. Já eu enviei meu diploma para ser revalidado, e a orientadora que eu tinha escolhido me arrasou, né? Me colocou para baixo dizendo que eu não tinha formação para cursar mestrado. É um monte de coisa né? Mas enfim cheguei, graças a Deus e ao conselho da Prof<sup>a</sup>. Pâmela, que depois de Deus ela me ajudou bastante, e consegui passar. Eu lia dia e noite, mas é assim, desde 2018 e a convite do Centro Humanístico Vida, porque eu passava lá *frequentemente*... Ai to falando errado... Frequentemente...

**[AP]** Está certo, isso aí...

**[RB]** Aham... Procurando emprego, né? E daí a secretaria gostava de mim. Ela falou assim: “Tu tem que vir aqui ajudá-los, teus conterrâneos...” E eu falei “Ah senhora, eu não sei nada, estou recém tentando falar um pouquinho a pouquinho, não sou capaz de fazer isso.” E daí me convidaram para ajudar meus conterrâneos. E assim nunca mais parei. E daí a Prof<sup>a</sup>. Pâmela, depois de eu entrar na sociologia né, ela me convidou para fazer parte da Associação dos Haitianos, que nem sabia porque estava vivendo aqui sozinha né, não tinha amigo, amiga, nem conhecia né os haitianos, não encontrava com os haitianos. Quer dizer, quando eu cheguei lá no Centro Humanístico Vida e comecei a ter contato com os haitianos e que mais? E não parei de ajudar os meus conterrâneos, onde que eles estejam eu estou atrás procurando dar o meu apoio. Daí me procuravam né, para levar a minha ajuda e até então eu estou fazendo isso, mas ainda estou aprendendo junto com eles, aprendendo na língua e também na nossa convivência diária com os brasileiros,

entendeu? Quando a gente é estrangeiro, a gente sempre vai encontrar um quebra-mola para segurar antes de atravessar. É isso, você precisa me parar (risos)... questiona e eu vou respondendo, se não eu vou extrapolar.

**[AP]** (risos) Não, sem problemas, eu to aqui justamente para ouvir. Eu vi aqui que no Zoom que o nosso tempo de reunião tem o máximo de 40 minutos, então a gente está com uma contagem regressiva ali em cima da tela. Ai quando acabar eu te envio o novo link e a gente segue, ok?

**[RB]** Aham.

**[AP]** Então você comentou sobre a questão do idioma né, e a minha primeira pergunta é justamente nesse sentido. Eu vejo que hoje você tem um domínio muito bom do português, toda a nossa conversa está sendo conduzida nesse idioma, e eu queria ver contigo como a tecnologia entrou nesse seu processo de aprendizado do idioma. Foi um instrumento que você utilizou? Até mesmo nesse sentido de buscar por palavras ou utilizar algum aplicativo online assim... Você chegou a utilizar a tecnologia dentro desse processo de aprendizado do idioma?

**[RB]** Sim... Sim e não. Não porque no início eu gostava mais de estudar, ou seja ler, tem que ter o livro na mão, para tocar e ir vendo. Mas chegando a um certo nível eu precisava o celular para procurar o significado das palavras quando que estava lendo. Ou, por exemplo, na rua, eu tenho um livro, não conseguia levar o meu dicionário, a gente usava o telefone para procurar no Google tradutor, isso ajuda muito. Depois, quando eu voltei para... Eu sempre estava procurando né, porque quando eu tava trabalhando, quando o brasileiro ou a brasileira falava uma coisa, eu não entendia, eu falava “Espera um pouquinho!” e peguei o celular e aí entendia o que a pessoa queria me dizer.

**[AP]** Que legal...

**[RB]** Quando recomecei a estudar, era mais fácil para mim estudar com o celular em mão, porque baixei os livros no google drive e estudava por onde eu passava, não precisava, apesar de eu ter feito as impressões e eu tinha as folhas impressas em casa para ler em casa e para sublinhar as palavras desconhecidas e procurar no Google Tradutor porque é mais fácil. Mas quando eu vi que não tem sentido porque Google mente também né? (risos) Google mente. Eu peguei o dicionário físico para comparar e assim eu descobri... Eu passava noites estudando, eu passava muito tempo tentando entender, porque não tenho a faculdade de memorizar palavras, os textos das pessoas, eu tento sempre procurar o sentido do texto né?

**[AP]** Sim, o contexto né?

**[RB]** É, o contexto, e dai (inaudível)... E depois é assim que eu fazia. Mas sim, a tecnologia ajuda muito. Ainda quando que eu estava trabalhando, eu sempre falei assim “Gente, nós estamos aprendendo uma língua que não é nossa, é dizer que eu não sei tudo. O que vocês precisam, eu vou pesquisar e amanhã ou depois de amanhã eu vou trazer para vocês”. é assim. E eles pesquisavam também junto comigo. Isso facilitava muito a nossa aprendizagem.

**[AP]** E você citou ali também como conhecer pessoas também foi importante para o acesso à educação, revalidação de diploma, você até mencionou a Prof<sup>a</sup>. Pâmela também nesse sentido, eu queria saber se você chegou a utilizar também a tecnologia para acesso à educação e trabalho também... se quando você buscava trabalho ou acesso a educação era algo mais presencial, de você ir até os lugares, ou se era um processo já mais digitalizado?

**[RB]** Que tipo de trabalho você está falando? Trabalho formal?

**[AP]** Isso.

**[RB]** No primeiro momento, eu estava trabalhando, mas desde 2017 não conseguia trabalho. Eu trabalho de forma voluntária na comunidade haitiana. É difícil para uma imigrante arrumar trabalho nas escolas assim... Eles sempre pedem que a gente tem que ser nativa, sempre nos editais eles botam, entendeu? O trabalho que eu faço é diretamente com jovens e adultos. Às vezes os adultos, exemplo as mães, que estão trabalhando e tem os filhos em casa de noite, nós trabalhamos, eu dou aula, via remota. Eu mando um link, às vezes nós trabalhamos fazendo chamada de vídeo pelo Whatsapp. Eu tenho uma lousa atrás de mim (*aponta para o fundo do cômodo, onde há um quadro branco*), viu?

**[AP]** Aham, to vendo...

**[RB]** Eu botei uma mesinha lá no meio e daí eu fiz uma projeção, a gente escreve, a gente tem uma apostila que eu preparei e entreguei para elas ou posso mandar para elas o PDF também, aí nós trabalhamos...

(Chamada é interrompida devido ao tempo máximo de reunião da plataforma. Enviei o novo link para a Rebecca e recomeçamos logo em seguida).

**[AP]** Você estava comentando que vocês fazem uma projeção...

**[RB]** Aham, a gente trabalha via online né?

**[AP]** Isso mesmo antes da pandemia ou foi depois da pandemia?

**[RB]** Durante a pandemia, começou. E também continua. Mas eu tinha um grupo presencial e tem alunos que gostam mais de ir lá na sala de aula porque quando é online, não conseguem fazer perguntas... Tem barulho, as crianças choram, os vizinhos falam uma coisa... Mas dava certo. Depois da pandemia, a gente voltou na Associação, tinha um grupo de adolescentes recém chegado aqui que queriam estudar a língua portuguesa para entrar no mundo acadêmico né? E daí eles precisavam entender um pouquinho porque na escola o professor não vai tentar nem conseguir entender o aluno estrangeiro. Mas como eu tenho meu sobrinho, ele passou 6 meses estudando, 3 vezes ao dia em casa ele estudava, lia, cantava, eu procurava sempre conversar em português, do meu jeito né... Mas sempre eu falo assim, nós imigrantes haitianos falamos com o nosso sotaque assim, mas se você encontrar um brasileiro ou uma brasileira, ele vai pronunciar assim, mas não consigo (risos) Então se a pessoa falar desse jeito, aceita, mas quando você fala é assim, e ele vai tentar entender o que você está falando.

**[AP]** Todo mundo tem seu sotaque né...

**[RB]** Sim... E daí o que eu fazia? Eu pegava vídeos na internet e tem um momento para ler, escrever, comentamos sobre o que está falando, os sons, mas sempre falo meu som é assim... me defendia né? (risos) E depois a gente procura um vídeo para ouvir e depois também a gente procurava músicas...

**[AP]** E você procura no Youtube mesmo?

**[RB]** No Youtube. E daí nós cantamos, tentamos memorizar né? A palavra... Cada vez que chega um assim “Ah senhora, por que disseram isso? Escreveram isso?” E daí a gente para para explicar o porquê, para chegar no som da música... Eu falo “Isso é linguagem popular, essa é outra linguagem...” Tentando explicar assim... “E por que nessa frase tem um verbo que se escreve assim e assim?” Paramos e “se escreve assim porque dos verbos seguidos e na língua francesa...” Aí a gente volta na língua francesa que eles já sabem e começo a explicar “no português é assim”. Eu estudava em casa, pegava o livro francês, o livro português e comparava, né? “É assim e assim. Vocês podem pesquisar, depois de amanhã vocês voltem para cá e vocês mostrem o que vocês acham, eu vou pesquisar também”. O meu papel não é de educadora, não sou educadora. Eu sou uma orientadora. “Eu encontrei uma coisa assim na internet, vocês peguem o seus telefones e entrem em tal e tal lugar, nós vamos dizer o que vocês acharam e nós vamos debater”. “Mas por que isso?” “Porque em tal lugar do Brasil, o que eu sei, é que eles falam assim”. Nós pegamos do ponto de vista da gramática, a gente fala assim e assim, colocamos na nossa língua materna como eles dizem, tudo com os aplicativos na mão. E daí eu procurei no Pinterest quadros que tem exercícios e daí mandei para eles “Vocês quando chegarem em casa, vocês fazem isso e comentam embaixo” Aí a gente vê tal e tal pessoa... “Professora, é assim ou assim?” “Assim, está certo!” “Não, não está certo, não é minha língua, estou aprendendo, encontrei assim na internet o que você acha?” “É assim, em francês é assim, em português é assim, é quase igual, mas...” “Então está certo!” Eu cheguei na sala e falei assim: “Seja online ou presencial, hoje nós vamos estudar tal e tal tema. O que vocês acharam na pesquisa que vocês fizeram o dia passado? Então tá, vamos estudar”. É assim. Mas a internet tem um papel importante.

**[AP]** É praticamente um instrumento pedagógico ali junto pelo que você comentou, que você utiliza durante as aulas...

**[RB]** Na minha época não era assim, mas as coisas mudam e tem que mudar, porque nós estamos crescendo né?

**[AP]** Tem que se adaptar, verdade... Legal, bem legal. E para além de acesso ao trabalho, você comentou que muito das aulas que você dá é via internet, eu queria saber se você chega a utilizar ou a buscar informação sobre outros serviços também através da tecnologia ou tem outras fontes para buscar essas informações? Por exemplo, acesso à saúde, assistência social, algo nesse sentido...

**[RB]** Para encaminhar?

**[AP]** Para buscar informações sobre como funciona, por exemplo, o acesso à saúde aqui no Brasil.

**[RB]** Sim. Como eu faço? Quando tem um haitiano ou uma haitiana que está precisando de atendimento médico, o que eu faço? Eu mandei a pessoa ir no CRAS. Aí eu procurei na internet o contato do CRAS, liguei, conversei e pedi pro pessoal de lá me chamar quando precisar fazer a tradução e falar um pouco da vida da pessoa para o atendimento ficar um pouco mais leve né? É para facilitar o profissional que está atendendo o imigrante e aí as duas partes saem bem. Ai se precisar de ajuda psicológica, eu procurei algumas pessoas que eu sei que tem ligação com a busca de ajudar os imigrantes nesse sentido. E quando eles têm atendimento psicológico ou enfim... A... Como chama essas pessoas? A assistente social me chama e fala assim “Olha o comportamento de tal pessoa, pode vir conversar?” Eu vou dizer “Então está bom, me dá um tempo... Eu vou ver que dia a gente pode ir lá.” Chegando lá, eu e a pessoa conversamos e eu falei “é tal e tal coisa, você tem que fazer assim...” “Então está bom, obrigada”. É assim que eu faço. Mas se é para fazer somente atendimento online, eles mandam para mim o link para conversar com o imigrante e depois que estão atendendo e depois a gente não precisa se deslocar para ir até o lugar onde eles estão.

**[AP]** Entendi... O próximo ponto que eu anotei aqui é que nós estamos vendo um processo ou uma tentativa de processo de digitalização dessas instituições por exemplo Polícia Federal, que também tem um papel importante na questão de acesso a documentação, que já são processos mais via plataforma. Como você vê a tecnologia também nesse sentido de acesso à documentação?

**[RB]** Na Associação que eu trabalhei, não éramos responsáveis por fazer isso. Só a mãe, a família, chegaram até mim para pedir ajuda da parte da educação e da parte de apoio psicológico para fazer mediação e encaminhar. Na verdade, o pessoal de lá às vezes tomavam tempo para fazer outras coisas, às vezes encaminham, pegam o documento e mandam lá na PF e lá demora né? Eles demoram para chamar esse grupo de imigrantes. Quando eles chegaram até mim, o que eu fazia? Eu dei outros endereços, outras instituições filantrópicas que atendem nesse sentido. Por exemplo, tem um... Aí até esqueço o nome... Era LBIB e mais CIBAI. O CIBAI tem uma didática né para pegar uma data para as pessoas. Quando eu soube disso, eu mandei... Se a pessoa não sabe chegar lá até o centro, que eu dei o endereço quando conversamos via Whatsapp ou que eu liguei para pessoa falando “tem que descer em tal lugar”, eu vou pegar a pessoa e eu levo lá. Depois boto no ônibus para voltar para casa. Mas a pessoa saiu de lá com uma data para ir lá na PF. Mas o meu trabalho, eles me chamam “ah eu tenho um problema no meu trabalho” Então está bom, nós vamos não sei onde que é, mas conversamos sempre via Whatsapp. Ou seja, ligo “onde você está?” “Estou em tal parada” e daí eu vou né, eu pego a pessoa, pago o Uber, levo e daí eu fiz a minha mediação, trouxe a pessoa de volta até a sua parada. Daí eu fiquei entre a empresa, posso procurar o advogado, e daí quando o advogado precisa da pessoa, o advogado ou a advogada me manda mensagem, fazemos chamada vídeo, a pessoa está em casa, eu estou na associação, o advogado está no seu lugar e conversamos e depois o advogado manda os documentos para mim, eu fiz a impressão, chamei a pessoa, a pessoa assinou lendo, vendo se tudo está direitinho. Aí eu escanei o documento e mandei pro advogado. É assim que a gente faz. E depois a pessoa precisa, eu falei “tem que

vir e assistir 3 ou 4 aulas para entender alguma coisa que estão falando no teu trabalho”. Quando é preciso vir na Associação para assistir a aula presencial, é como uma aula híbrida. É bom né?

**[AP]** É bom ter essa opção né...

**[RB]** E também o que nós fazíamos um tempo atrás, não muito tempo, era julho no ano passado até abril, maio... Nós sempre nos reunimos lá na sede da Igreja para trabalhar com os jovens, adolescentes. Mas na sala tem alguns que não puderam vir, a gente manda um link no zoom e peguei meu celular... Eu comprei um pezinho fixo, botei em cima da mesa, a pessoa estava assistindo aula enquanto nós trabalhamos. Quando chegou o seu momento de falar, aí ele fala e a gente escuta presencial. Tem as duas formas. Mas é bem... a tecnologia nos ajuda muito.

**[AP]** Muito presente né? E já nos encaminhando para última parte de hoje, eu queria conversar com você sobre como você vê hoje a tecnologia atuando nesse estabelecimento de relações em um lugar novo, como a tecnologia é usada para criar laços com as pessoas, Existe toda uma discussão sobre redes sociais e o quanto são reais os vínculos criados. Mas eu queria ouvir um pouquinho de ti, como que você vê a influência da tecnologia no estabelecimento de laços e de relações para um imigrante.

**[RB]** A tecnologia nos une. É uma corda né? Por exemplo, eu... Nem vou dar explicação, só vou dar o exemplo. Quando eu morava aqui, eu não tinha ninguém, só o ano passado que a minha mãe entrou com o meu sobrinho nas reuniões de família. Mas conversávamos sempre. Eu tenho uma irmã que mora na Flórida, nos Estados Unidos. Antes de ir para o trabalho de manhã, ela me ligou, conversamos. Ela dirigia, ela botava o celular numa coisinha assim do seu carro, e estava respondendo e escutando. Nós oramos juntas, cantamos, e daí de tarde antes de ir para casa ela me ligou, ela escreveu que está indo para casa e eu digo “então está bom, de noite a gente conversa”. Aí nós cantamos, falamos de tudo, fazemos chamada vídeo. Fazemos com a minha mãe também, com meus irmãos lá no Haiti, fazemos sempre chamada vídeo. Estamos fazendo qualquer coisa lá, lavando, limpando a casa, e daí conversamos. Quando a minha mãe chegou aqui, o meu sobrinho tinha 17 anos. Ele passou 6 meses aqui, eu pedi para ele, porque antes de vir para cá, ele não sabia, foi uma surpresa, no dia que ele tava vindo eu mandei uns livros que estava trabalhando com os haitianos no Centro Humanístico Vida para estudar, mas não tinha falado para ele que era para preparar. Ai eu falei que tem que estudar “quem sabe um dia você não entraria no Brasil?” Mas ele fez isso. Ele estava no terceiro ano do ensino médio, mas quando chegar eu aqui eu falei “tu não vai pra escola, tu vai ficar estudando, porque eu te mandei as apostilas pra tu estudar, se tu tivesse estudado, agora poderia mais ou menos entender uma coisa.” Ele passou 6 meses de verdade, em janeiro ele entrou, mas eu to feliz de ver que os esforços, depois de Deus, não era em vão, porque ele ouvia, ele entendia quando os professores falavam... Porque ele já fez um ano né? Ele estava no terceiro ano, no mesmo ano que ele entrava pra cá tinha Enem. E é isso. Fiquei muito feliz. E sempre comunicava, o celular sempre estava... Estou falando “Larga o celular! o que é isso?” “Não, estou pesquisando.” “Mas na hora de dormir!” Tudo ele faz né? E minha mãe também né, ela é idosa, tem 75 anos, mas ela assistia os cultos da igreja, eu botei crédito no meu celular e daí eu compartilhei com o... Ai esqueci

como isso chama... Eu compartilhei no meu notebook, eu botei no Youtube, e ela está assistindo rádio e TV lá, de manhã quando você me ligou... Mas ao invés de ficar na frente de uma televisão, ela não está entendendo nada, eu peguei o notebook, entrei no Youtube, procurei tal e tal rádio e TV e ela vê as pessoas falando, cantando, se tem notícias ela fica lá na frente assistindo e ali ela sabe de tudo. Às vezes eu deixo lá na sala, ela está no quarto ouvindo tudo na nossa língua, às vezes está em crioulo, às vezes está em francês. O Senhor Nosso Deus colocou a tecnologia, porque a Bíblia falou em Daniel nos últimos dias que a tecnologia... o conhecimento aumentará. É nessa época que nós estamos vivendo. Se fosse ter 20 anos atrás, ela não estaria vivendo o que ela está vivendo agora.

**[AP]** Não ia ter acesso a esse tipo de ferramenta né...

**[RB]** Não. Quando vídeo, quando a pessoa está falando ali e parou, ela diz “Parou!” “Mãe, espera um pouquinho, eu vou ver o que está acontecendo” E é assim, aí eu entro “ah está bom, agora estou ouvindo”. É assim. Mas é bom né? Eu posso sair, eu deixei meu celular, porque se eu saio e levo o celular, já termina a internet... Mas eu fiquei feliz vendo isso. Estou falando aqui no quarto com você, ela está lá assistindo. A minha irmã vai ligar daqui a pouco pra saber como ela está, mas mesmo sendo longe, nós estamos morrendo [de saudade], mas o que nos ajuda, o que nos alivia um pouco, é a tecnologia. Eu tenho um sapato, um lindo sapato, e cortei o pé com um pedaço de vidro, e não consigo usar muito o sapato. Ai eu tirei a foto pra ela e mandei e ela “bah, deixa pra mim!”. Mas eu fiquei feliz porque quando eu era criança eu não tinha essa coisa pra ver... A tecnologia tem um papel fundamental na nossa vivência e convivência, viver com os outros sabe? Ela nos ajuda. É uma benção. Depende da maneira que as pessoas estão utilizando a tecnologia, mas é uma benção na vida da gente. É isso. A gente usa cartão... Ai eu sou esquecida, sempre falo pra você! Um dia eu fui comprar no centro de Porto Alegre, era o aniversário da minha mãe, eu quis fazer um bolo e quis fazer uma festinha de surpresa pra ela né? Cheguei no centro, esqueci o meu cartão e não tinha dinheiro na mão. Que eu fiz? Eu tinha somente o cartão de ônibus. Como o celular estava comigo, eu paguei via PIX. Pra ver como a tecnologia... Aí eu cheguei aqui e falei “mãe, esqueci o cartão!” “Mas tu compraste tudo isso? como assim?” “sim, tudo online, mãe”. E se não fosse isso? Teria ido no centro em vão! Festinha terminaria sem graça, mas graças a Deus... É isso.

**[AP]** Ah muito legal!

**[RB]** Está bom? Se você precisar de outra coisa, é só me mandar mensagem. Está bom?

**[AP]** Ótimo, aproveito para agradecer muitíssimo a tua disponibilidade, foi muito legal te ouvir, fiquei muito feliz que deu certo depois de tantas tentativas né? A tecnologia às vezes prega umas peças na gente né? Mas no final deu tudo certo, queria te agradecer muito.

**[RB]** Aham, imagina...

**[AP]** Vou encerrando a gravação por aqui, muito obrigada!

**ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título do Projeto de pesquisa: **MIGRAÇÃO E TECNOLOGIA: ESTUDO SOBRE A UTILIZAÇÃO DAS TICS POR MIGRANTES HAITIANOS A PARTIR DE CASOS EXEMPLARES**

Pesquisador Responsável: Profa. Dra. Pâmela Marconatto Marques

Nome do participante:

Data de nascimento:

Você está sendo convidado (a) para ser participante do Projeto de pesquisa intitulado “MIGRAÇÃO E TECNOLOGIA: ESTUDO SOBRE A UTILIZAÇÃO DAS TICS POR MIGRANTES HAITIANOS A PARTIR DE CASOS EXEMPLARES”, que embasará o Trabalho de Conclusão de Curso da aluna ANA PAULA DE MELO PELEGRINOTTI sob responsabilidade da Profa. Dra. Pâmela Marconatto Marques, no departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Caso se sinta esclarecido (a) sobre as informações que estão neste Termo e aceite fazer parte do estudo, peço que assine ao final deste documento, em duas vias, sendo uma sua e a outra do pesquisador responsável pela pesquisa. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

1. O trabalho tem por objetivo central entender como as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) são utilizadas por migrantes haitianos em Porto Alegre e região. Dentre os objetivos específicos estão: 1. Debater o movimento de migração de haitianos para o Brasil e o papel que as TICs podem ocupar nesse processo; 2. Conhecer experiências singulares da utilização das TICs com questões relacionadas ao aprendizado do idioma, acesso a trabalho, acesso a serviços, acesso a documentação e relações interpessoais.
2. A participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista conduzida pelo aluno a partir de um questionário previamente elaborado e recebê-lo, caso assim seja combinado, para acompanhá-lo (a) em alguma atividade realizada.
3. Os riscos implicados nesta pesquisa dizem respeito à dor porventura causada na rememoração de eventos permeados por vulnerabilidade.



4. Os benefícios com a participação nesta pesquisa serão a possibilidade de colaborar com o entendimento do impacto das TICs na experiência migratória, acrescentando pontos de vista de interlocutores não hegemônicos.
5. Os participantes não terão nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderão retirar sua concordância na continuidade da pesquisa a qualquer momento.
6. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar aos voluntários pela participação, no entanto, caso haja qualquer despesa decorrente desta participação haverá o seu ressarcimento pelos pesquisadores.
7. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente da participação no estudo, os voluntários poderão pleitear indenização, segundo as determinações do Código Civil (Lei nº 10.406 de 2002) e das Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.
8. Caso assim seja decidido, o nome dos participantes será mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade, e se desejarem terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação.
9. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com a Profa. Pâmela M. Marques, pesquisador(a) responsável pela pesquisa, telefone +55 51 8247-3154, e-mail: [pmarconatto@gmail.com](mailto:pmarconatto@gmail.com).

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_, declaro ter sido informado e concordo em ser participante do Projeto de pesquisa acima descrito.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de dezembro de 2022.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento